



CRB

## Quadro Programático da CRB 2010-2013

### HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

### PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- **Papa Francisco: uma eleição surpreendente**
- **A contribuição da Teologia Latino-Americana para a elaboração de um novo paradigma da VRC**
- **Experiência religiosa na internet e midiatização da religião**
- **Sinais, desafios e tarefas: as novas gerações na VRC**

## Sumário

### Editorial

Eleição do Papa Francisco, sinal do Espírito Santo ..... 305

### Mensagem

Celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II ..... 307

### Informes

Talitha Kum. Do lado das mulheres  
ESTRELLA CASTELONE ..... 312

Uma história iniciada, cultivada e celebrada 1571-1613 – 2013  
DULCE AVARENGA BASTOS ..... 316

O Apóstolo da Juventude  
LAURO DAROS ..... 320

### Arte e Cultura

A VR C e os seus escândalos na mídia  
PLUTARCO ALMEIDA ..... 323

### Artigos

Papa Francisco: uma eleição surpreendente  
LUÍS GONZÁLEZ-QUEVEDO ..... 331

A contribuição da Teologia Latino-Americana para a elaboração  
de um novo paradigma da vida consagrada  
VILMA MOREIRA ..... 336

Experiência religiosa na internet e midiatização da religião:  
provocações ao diálogo sobre a missão e a pastoral nas redes digitais  
MOISÉS SBARDELLOTTO ..... 348

Entre sinais, desafios e tarefas: as novas gerações na VR C  
NATALINO G. SOUZA ..... 360



### CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB  
ISSN 0010-8162

#### DIRETORA

Ir. Márian Ambrosio, dp

#### EDITOR

Ir. Lauro Daros, fins

#### REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj  
MTb 2122

#### CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst  
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Pe. Ceto Caliman, sdb  
Pe. Jaldemir Vitório, sj  
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

#### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília – DF  
Tel.: (61) 3226-5540 – Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: crb@crbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:  
Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:  
Marina Mendonça

Revisão:  
Mônica Elaine G. S. da Costa

Impressão:  
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:  
Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Assinatura anual para 2013:** Brasil: R\$ 89,00  
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)  
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

O nosso Cadastro Informatizado de Assinantes mudou, e mudou para melhor! A partir de agora, assinaturas novas, bem como renovação de assinaturas, podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site [crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br), imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- O método tradicional (depósito direto na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c. 306934-6) continua valendo, mas é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail!

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

## Eleição do Papa Francisco, sinal do Espírito Santo

305

EDITORIAL

A mensagem de Dom Leonardo Ulrich Steiner, Bispo Auxiliar de Brasília e Secretário-Geral da CNBB, esclarece que o Concílio, de caráter pastoral, veio indicar um voltar às raízes, ao Evangelho, ao anúncio do Reino de Deus. A eleição do Papa Francisco é sinal de esperança, pois o espírito do Concílio poderá florescer e a Nova Evangelização avançar.

Mas a Igreja revela sinais de esperança em toda a história: os Informes “Uma história iniciada, cultivada e celebrada” e o “Apóstolo da Juventude” são dois sinais históricos de esperança. Os fundadores inflaram-se do Espírito Santo e, de seu sonho, surgiram Institutos Religiosos para darem respostas concretas às necessidades da época. Já o Informe “Talitha Kum. Do lado das Mulheres” revela um sinal de esperança atual. Fica claro, assim, que o sopro do Espírito Santo não se prende ao tempo: sempre soprou, sempre soprará. E é o Espírito Santo agora que ilumina e aquece a Nova Evangelização.

Na seção Arte e Cultura, Pe. Plutarco orienta a VR sobre como se relacionar com a mídia: pela busca constante da verdade, através de um diálogo sempre mais maduro; pela seriedade/responsabilidade no trato das informações delicadas; pelo respeito aos padrões éticos do jornalismo. A boa relação com a imprensa facilitará contrapor as más notícias às “boas notícias”, ou seja, tudo aquilo que fazemos diariamente em favor do Reino.

Quatro artigos oferecem aos leitores e às leitoras um leque de boas leituras. Pe. González-Quevedo, jesuíta, destaca as

virtudes do Papa Francisco, virtudes essenciais para a concretização da Nova Evangelização. Ir. Vilma discorre sobre a contribuição da teologia da libertação para a elaboração de um novo paradigma da vida consagrada. Moisés Sbardotto desenvolve o tema sobre a experiência religiosa na internet e a mídiatização da religião, e pergunta aos religiosos e religiosas se a internet é usada como ferramenta para a nova evangelização. Por fim, Ir. Natalino, que participou do Congresso Novas Gerações, questiona como conjugar e atualizar os valores da tradição de nossas instituições com a autonomia das novas gerações na VR C

LAURO DAROS, MARISTA

# Celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II

307

MENSAGEM

DOM LEONARDO ULRICH STEINER\*

## O que significa (implica) para a Igreja no Brasil celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II?

Celebrar os 50 anos do Concílio é um convite para voltarmos às raízes do nosso ser cristão e percebermos a herança que os padres conciliares nos legaram. Os textos conciliares são uma riqueza! Ler, estudar, refletir os documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II! Descobrir a riqueza do Concílio e perceber as implicações para a vida da Igreja, hoje. O Beato João XXIII, como grande historiador, havia percebido a necessidade de um Concílio que indicasse caminhos para a evangelização, levando a Igreja a inserir-se no mundo de hoje. Na abertura do Concílio, no discurso *Gaudet Mater Ecclesia* dizia: “dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral”. O caráter pastoral do Concílio veio indicar um voltar às raízes, ao Evangelho, à eclesialidade da Igreja primitiva, ao anúncio do Reino de Deus. A Comunidade eclesial percebeu a necessidade de ser fermento na massa. Todos os batizados participam do mesmo e único sacerdócio de Jesus Cristo, formam o novo Povo de Deus, participam da Comunhão dos Santos. O diálogo com todos os cristãos e com outras religiões abriu espaços para a fraternidade e para a luta por causas comuns, como a justiça e a solidariedade. As exigências de hoje são ainda maiores que no tempo do Concílio. A Nova Evangelização nos convida ao estudo e à reflexão dos textos conciliares. Ainda levaremos muito tempo para haurirmos toda a riqueza do Concílio. Ao falarmos hoje de nova evangelização,

\* Dom Leonardo é Bispo Auxiliar de Brasília e Secretário-Geral da CNBB.

busquemos nos textos conciliares as indicações para anunciar, viver e testemunhar o Evangelho.

### **Que lugar a VRC ocupou no Sínodo?**

Os padres sinodais para a Nova Evangelização foram os bispos, mas participaram também presbíteros, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Um bom número dos bispos que participaram é religioso. Inicialmente, a Vida Consagrada quase não foi lembrada. Foram os religiosos e as religiosas que recordaram a importância da Vida Religiosa Consagrada na evangelização na Igreja, no passado e na atualidade. Deus suscitou carismas diferentes de Vida Religiosa consagrada na história da encarnação do Evangelho. Foi lembrado também que a Igreja recebeu dons diferentes de Vida Consagrada que marcaram a evangelização em cada tempo. Os religiosos e as religiosas são convocados a uma nova evangelização, no amor, no ardor. É admirável a força evangelizadora da Vida Consagrada em tantos âmbitos da Igreja.

### **Como o Sínodo pensou a Nova Evangelização?**

Na homilia da Celebração Eucarística de abertura dos trabalhos sinodais, o Santo Padre Bento XVI indicou três realidades importantes para a Nova Evangelização: o aprofundamento da fé e a conversão de todos nós que cremos, evangelização daqueles que não conhecem Jesus Cristo e a evangelização daqueles que se distanciaram da Igreja. A Nova Evangelização deve ajudar os crentes a um novo ou renovado encontro com Jesus Cristo, pois Ele dá sentido e paz para a existência humana; favorecer aos afastados a redescoberta da fé, a fonte de graça que traz alegria e esperança na vida pessoal, familiar e social. Tudo sem diminuir o impulso missionário e fazendo Jesus Cristo conhecido e amado por todos. Dizia o Papa: “Na verdade, os três aspectos da única realidade de evangelização se completam e se fecundam mutuamente”.

Esses três aspectos estiveram presentes durante toda a reflexão e debate. O Sínodo ajudou a perceber a realidade da Igreja nos diversos países e a necessidade de um novo ardor

missionário, de novos métodos como já havia indicado o Beato João Paulo II. Talvez as expressões mais ouvidas foram: a necessidade de conversão, de diálogo, de volta à experiência evangelizadora da Igreja Primitiva.

O Documento de Aparecida foi muitas vezes lembrado pelos latino-americanos e caribenhos como um passo importante para a Nova Evangelização. As reflexões e contribuições de Aparecida são fundamentais para uma evangelização que seja realmente nova.

**Na mensagem ao povo de Deus, o Sínodo diz “colher no mundo de hoje novas oportunidades de Evangelização”. Que novas oportunidades?**

Foi lembrada diversas vezes durante o Sínodo a imagem do deserto. Vivemos num tempo de deserto. O pensador Nietzsche já nos havia alertado de que o deserto avançava. Se o nosso tempo se caracteriza, de certo modo, como deserto, temos a suavidade do orvalho do Evangelho. Quando chove, o deserto floresce! O modo do Evangelho, o Reino de Deus, transforma o deserto. Também foi lembrado que vivemos numa mudança de época. Toda mudança de época é tempo de procura, de busca de valores e critérios que mais possibilitem a plena realização do ser humano. Mas também a mudança de época pede da nossa parte um mergulho mais de raiz e de profundidade no sermos cristãos, seguidores de Jesus Cristo. A pregação baseada apenas numa moral não é mais suficiente. Ela tem sentido quando nasce de uma relação nova e de uma perspectiva nova. Em outras palavras, estamos entrando num tempo em que teremos de buscar o essencial, o fundamental da fé. Nesse sentido, os chamados novos areópagos são espaços excepcionais para o anúncio: o mundo da cultura, da comunicação, da educação, da exclusão. Como são preciosos os diálogos, os encontros com intelectuais refletindo os anseios e as buscas do homem de hoje. E nós, que recebemos e experimentamos a graça da vida em Cristo, vamos, com a força e a suavidade do Espírito Santo, indicando o caminho para que as pessoas possam sentir-se encontradas por Cristo Jesus. Ele, o Evangelho, que enche o coração e plenifica a vida humana.

### **Que olhar a Igreja lança à VCR na perspectiva da Nova Evangelização?**

Talvez devêssemos nos perguntar sobre que olhar lançarmos nós, religiosos/as, à vida religiosa na perspectiva da Nova Evangelização, uma vez que a vida religiosa é Igreja. A Vida Consagrada através dos tempos aceitou o mandato do Senhor “ide e anunciai... fazei discípulos meus todos os povos”. Se sondarmos a história da Igreja, veremos como a Vida Consagrada foi a grande promotora da evangelização. Também no nosso tempo ela é convocada a evangelizar. Na liberdade e na soltura de quem recebeu a graça de conhecer a benevolência de Deus em Jesus Cristo, anuncia a todos a gratuidade do amor de Deus, vida nova do Reino de Deus. A liberdade que o Evangelho concede às pessoas da Vida Consagrada já é anúncio. Mas poderíamos nos perguntar que experiência nós, religiosos e religiosas, estamos fazendo do Evangelho? Que sinal evangélico de gratuidade somos neste tempo em que tudo é cobrado, trocado, negociado? Encontramos religiosas e religiosos como verdadeiros luzeiros da vida nova em Cristo, pelo testemunho da gratuidade, da liberdade, da caridade, da solidariedade, da pobreza, da pureza. Talvez, nesse testemunho, nós, religiosos e religiosas, pudéssemos crescer vigorosamente. Que bela nova evangelização!

### **A partir do Sínodo, que olhar a Igreja passa a ter sobre a Evangelização da Juventude?**

Os jovens estiveram muito presentes nas reflexões do Sínodo. Um jovem participou do Sínodo. A fala dele suscitou o maior aplauso na sala sinodal. Foi lembrada a Jornada Mundial da Juventude como expressão de evangelização. Estar atento e buscar dialogar com os jovens. Não apenas evangelizar os jovens para que sejam discípulos, mas também que sejam verdadeiros missionários. Sejam eles os primeiros evangelizadores dos jovens. Como lembrou a mensagem dos bispos às Igrejas: “Deve-se reconhecer aos jovens um papel ativo na obra de evangelização, sobretudo em relação ao seu mundo”. Houve uma insistência na formação dos jovens e na presença evangelizadora nos diversos meios,

como: universitário, das comunicações, da cultura, entre outros. Em algumas intervenções, pareceu-me ouvir o Documento de Santo Domingo que fala da opção pelos jovens.

### **Que significa para o senhor evangelizar num mundo moderno e secularizado?**

Uma graça! Quanto mais falamos da ausência de Deus, do desconhecimento do Evangelho, mais somos provocados a ir ao essencial, ao núcleo, à verdade da fé. A vida em Cristo, o ser cristão, pode transformar o nosso tempo. As pessoas do nosso tempo desejam fazer experiências vitais! Às vezes, tenho a impressão de que estamos oferecendo apenas normas de conduta de vida. Não estamos entregando uma relação nova, um perspectiva nova, um novo horizonte existencial. O nosso tempo pede de nós um anúncio que seja mais um sussurrar que impor. O Papa emérito Bento XVI tem insistido na presença de Deus que nos ama. De Deus próximo, de Deus revelado em Jesus Cristo. Deus um de nós, como nós, sem deixar de ser Outro de nós. A esse Deus anunciamos, testemunhamos!

### **Qual o papel da figura de Maria na Nova Evangelização?**

Maria concebeu e deu à luz a Jesus Cristo. A razão de ser da Igreja é evangelizar, isto é, anunciar Jesus Cristo. Para um anúncio cheio de unção e alegria, devemos novamente conceber e dar à luz a Palavra de Deus, dizia São Francisco de Assis. Maria nos orienta no caminho da nova evangelização, como lembra a mensagem dos bispos às Comunidades. Caminho se faz no caminhar, como fez Maria. Ela vive de Jesus e para Jesus. Ela é aquela que nos recorda a presença de Deus entre nós como um de nós. Ela é aquela que está aos pés da Cruz. Ela está com os apóstolos que recebem o Espírito Santo que leva ao anúncio. Uma nova evangelização é uma procura. Procura é abertura para o tempo do Espírito que gera vida nova, novos evangelizadores, novos modos de evangelização. Maria é a mulher que avança, que se movimenta, que acompanha, que serve, que se abre, que presenteia Jesus. Ela nos indica um modo e um caminho na nova evangelização; ela é a Estrela da nova evangelização.

\* **Irmã Estrella Castalone**, Filha de Maria Auxiliadora desde 1978, nasceu em Canlubang (Filipinas) em 1949. Licenciada em Teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana, trabalhou com os jovens em seu país vários anos. Em 2003, desempenhou o cargo de secretária executiva da AMRSP (Associação das Superiores Maiores de Filipinas), uma missão que pouco a pouco a pôs em contato com pessoas envolvidas na defesa das mulheres e crianças vítimas do tráfico de seres humanos. Desde 2010, é coordenadora da Rede Internacional da Vida Consagrada contra o tráfico.

## Talitha Kum. Do lado das mulheres

ENTREVISTA COM A IRMÃ ESTRELLA CASTALONE, FMA\*

### O que é Talitha Kum?

É a Rede Internacional da Vida Consagrada contra o tráfico de pessoas, instituída pela UISG (Organização Internacional de Superiores Gerais) em 2009. Tem sua origem num projeto iniciado anos atrás em colaboração com a OIM (Organização Internacional para as Migrações) e financiado pelo escritório de População, Refugiados e Migração dos Estados Unidos da Embaixada estadunidense perante a Santa Sé. Sua finalidade é compartilhar e aperfeiçoar os recursos que possui a vida religiosa para favorecer intervenções de prevenção, sensibilização e denúncia de tráfico de pessoas, assim como proteger e dar assistência às vítimas.

### Por que as religiosas se interessam pelo tráfico de seres humanos?

Sentimo-nos interpeladas por essa “escravidão moderna”. Como religiosas, consideramos urgente tomar posição com ações e promover a dignidade em cada ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. O maior recurso da vida religiosa são as próprias religiosas, comprometidas solidariamente com os que sofrem qualquer forma de pobreza e marginalização: tocamos com as mãos humilhações, sofrimentos, tráficos desumanos e degradantes flagelos a tantas mulheres, homens e crianças. As organizações criminosas que os exploram estão altamente organizadas e bem coordenadas. Por isso, era necessário unir nossas forças e construir uma rede igualmente estruturada para pôr em contato

aquelas de nós que trabalham nos países de origem do tráfico com as que estão nos países de trânsito ou de destino. Somente assim é possível prevenir e denunciar para evitar que as pessoas se convertam em mercadoria.

### **Que redes locais fazem parte de Talitha Kum?**

Atualmente há 22 e representam a todos os continentes. São religiosas que operam na Irlanda, Austrália, Portugal, Canadá, Nigéria, República Dominicana, Albânia, Brasil, Holanda, Itália, Tailândia, Índia, Filipinas, Alemanha, Quênia, Senegal, Peru e Costa Rica.

### **Em que frentes estão presentes Talitha Kum?**

Em muitas, porque as realidades implicadas no fenômeno do tráfico de pessoas são muito diversificadas. Estabelecemos contatos em redes com outras organizações sociais, civis, religiosas e políticas interessadas em erradicar o tráfico; aperfeiçoamos e compartilhamos recursos para reforçar a prevenção, a sensibilização, a denúncia do tráfico de pessoas e a proteção das vítimas; trabalhamos na frente educativa e formativa para despertar a consciência e a opinião pública a respeito desse fenômeno; apoiamos e intensificamos iniciativas de formação, denúncia e assistência.

### **Como realizam a missão?**

Fundamentalmente, formando as religiosas, ensinando-as a intervir estrategicamente sobre as causas e os efeitos do tráfico. Já organizamos 16 cursos de formação em nível internacional, com a participação de mais de 600 Irmãs. Por outro lado, é importante assegurar a comunicação entre membros e os intercâmbios de investigações, boas práticas, experiências, recursos humanos e materiais para a luta contra o tráfico, e oferecer ao público informações úteis sobre as diversas atividades e iniciativas. Também temos tomado posição publicamente e feito declarações em concomitância com eventos internacionais que incidem na mobilidade das pessoas. Por exemplo, foi significativa a campanha contra o tráfico que lançamos durante a Copa Mundial na África

do Sul. Finalmente, apoiamos as iniciativas locais impulsionadas pelas religiosas para sensibilizar sobre o fenômeno, trabalhar na prevenção e denunciar o tráfico.

### **Quem faz parte da equipe de Talitha Kum?**

Integram várias religiosas e um leigo, Stefano Volpicelli, representante da OIM. Para a formação, colaboramos estreitamente com peritos leigos e leigas do setor, que contribuem com elementos de investigação, metodologia, estratégias de ação e intervenção jurídica. O principal desafio para a nossa Rede é coordenar e apoiar os programas dos membros, dada a escassez dos recursos disponíveis, tanto econômicos como humanos. Por isso, se alguém deseja ajudar, a porta está aberta. Por outro lado, a colaboração efetiva com religiosos e sacerdotes não é neste momento mais que um sonho.

### **Pode falar, em cifras, sobre o tráfico de seres humanos?**

Em 2010, o Informe sobre o tráfico internacional de pessoas elaborado pelas Nações Unidas estimava que, a cada ano, entre 800 mil e dois milhões de pessoas são vítimas do tráfico: 66% são mulheres, 12% homens e 22% crianças ou menores. A exploração sexual é sua forma mais comum (77%), seguida de trabalho forçado (18%) e a mendicância e o tráfico de órgãos.

### **Um tema à parte é o tráfico de menores...**

O tráfico de crianças é infelizmente a terceira atividade criminosa do mundo. Suas formas mais frequentes são o rapto para adoções internacionais ilegais, os matrimônios forçados, o recrutamento militar e bélico, o trabalho doméstico, as práticas ocultas; em outubro de 2011, quase 400 crianças de Uganda foram transladadas para a Europa para práticas de bruxaria. É necessário proteger os menores quando ocorrem calamidades naturais, ou quando na família o pai ou a mãe, ou às vezes os dois, emigram por razões de trabalho. Esse ficar “sozinhos em casa” contribui para sua vulnerabilidade: carentes de afeto e de atenção são mais

propensos a confiar em pessoas, ainda que desconhecidas, que lhes oferecem o que não têm.

### **Como é possível que ainda haja quem se deixe “enganar” e caia vítima do tráfico de pessoas?**

Parece mentira, mas é assim. Um elemento a considerar é a dificuldade para ajudar as próprias vítimas, porque resulta penoso cooperar denunciando o que lhes aconteceu. Sentem-se culpadas. Outro aspecto é a incidência da informática. Com internet tudo é mais fácil: o comércio, a comunicação, a educação, os intercâmbios culturais, o mercado, as viagens e, infelizmente, o tráfico de pessoas. Faz alguns anos os traficantes eram visíveis, hoje fazem intercâmbio de mil pessoas escondidas no anonimato que a internet favorece.

### **Que aspectos há que ter presentes para enfrentar o tráfico a partir da ótica preventiva da educação?**

Nosso sonho é erradicar essa escravidão moderna. Porém, infelizmente a análise do cenário mundial confirma que não há diminuição significativa, seja da oferta (as vítimas), seja da demanda (os que as exploram): a vulnerabilidade das vítimas é cada vez maior. Somente com intervenções preventivas mais eficazes poderíamos travar os riscos. Em contrapartida, grande parte do trabalho das religiosas envolvidas nesse campo de apostolado está dedicada à proteção, à assistência e à reabilitação das vítimas. Situamo-nos na linha do “resgate”; nosso trabalho é mais “reparar os destroços” causados pelos traficantes na dignidade das pessoas. Porém, não se trata somente de sair do inferno do tráfico, mas de dar oportunidades para que melhorem suas condições de vida tanto nos povoados como nas cidades, para que os pais e as famílias possam proteger suas crianças e adolescentes. Por último, é urgente, nos programas de nossos centros educativos e escolas, incluir temas que tratem desse fenômeno e informar com clareza o que está por trás dessa praga moderna.\*

IRMÃ DULCE ALVARENGA BASTOS\*

Por que falar de uma mulher, quatro séculos depois de sua páscoa definitiva? É porque a vida desta mulher nos inspira um jeito de viver hoje, no século XXI.

Em 2013, celebramos na fé, na alegria e na gratidão a Deus a vida de Regina Protmann: há quatro séculos, o cultivo da experiência de Deus, vivenciado por ela, foi e continua sendo a motivação para a vida de muitas mulheres.

*Dados breves sobre Regina:* nasceu em 1552, na cidade de Braunsberg, Diocese de Ermland (Wärmia), na Prússia Oriental, no seio de uma família cristã, sadia e feliz. Seu pai, Pedro Protmann, era um cristão engajado, um comerciante bem-sucedido. Sua mãe, Regina Tingels, filha do prefeito da cidade, era uma mulher muito piedosa. Era a época da implantação das normas do Concílio de Trento (realizado de 1545 a 1564).

Desde cedo, Regina tomou consciência do valor das coisas sacras, da Igreja. A familiaridade com a igreja de Santa Catarina de Alexandria, sua paróquia, levou-a a descobrir essa mulher forte e corajosa na fé, mártir no séc. III. Por isso, Regina colocou-a como padroeira da sua família religiosa.

Em 1571, aos 19 anos de idade, Regina deixou tudo, em termos de bens, companhia e planos, para ir construindo sua resposta pessoal ao Deus da Vida. Uma resposta nova, no seio da Igreja. Ela e suas primeiras companheiras, alimentadas pela fé em Jesus, pela Palavra de Deus, pela Eucaristia e pela vida em comunidade, tomaram como tarefa especial o cuidado da vida: atendiam crianças, jovens, mulheres, doentes e necessitados em geral. Inovaram, pois

\* **Irmã Dulce  
Alvarenga Bastos,**  
da Congregação  
Irmãs de Santa  
Catarina V. M.  
**Endereço da au-  
tora:** Colégio Santa  
Catarina – Creche,  
Rua Montecaseros,  
288, CEP 25680-  
004, Petrópolis-RJ  
– Tels.: (24) 2242-  
2871; (24) 2243-  
1606. **E-mail:** co-  
ordenadoracreche@  
hotmail.com; dulce.  
santacatarina@velo-  
xmail.com.br.

faziam o atendimento nas casas dos próprios doentes. Era inédito: até então as Irmãs não podiam exercer atividades fora do convento. Essa jovem audaciosa – audácia cristã! – ajudou a Igreja do seu tempo a mudar de rosto, com seu jeito de viver: em comunidade e na missão!

*Sua espiritualidade:* “Desde que o brilho da graça de Deus começou a resplandecer no coração de Regina, ela sentiu repugnância e desgosto pelas vaidades do mundo e ardeu em amor pelo seu Deus”.

Sua resposta radical foi a saída de casa, rompendo com todas as tradições: “com uma ou duas outras donzelas, foi morar em casa de uma viúva onde, com todo o recato e honestidade, começou a lançar a pedra fundamental de sua obra”. Com simplicidade, perseveravam na oração, na penitência, no estudo da Palavra de Deus e na escuta do Senhor. Outras jovens se juntaram e elas. Regina as introduzia na vida de intimidade com Deus. O amor ardente a Deus abraçava-a sempre mais, de modo que desejava unir-se a Jesus na Eucaristia, tantas vezes quantas lhe fossem possíveis.

Com Jesus, aprendeu a viver um projeto comum (*a comunidade*): seu jeito de viver a liderança e seu modo de ser ajudavam a criar uma verdadeira fraternidade, a ponto de seu biógrafo assim relatar:

Eram uma só alma e um só coração. O trabalho pesava sobre todas como sobre um único ombro. Tinham tudo em comum e nada em particular... Regina mantinha a ordem da casa e a observância regular: Havia um tempo para a oração, para o exame de consciência, para calar, para falar e para o trabalho. Todas as suas companheiras se comprometiam, de boa vontade, a cumprir tudo isso com o maior zelo.

*A missão:* Regina foi capaz de descobrir os sinais de Deus nas necessidades do povo daquela época: as crianças precisavam de uma formação humana e cristã; as meninas precisavam de escola; as mulheres precisavam de mais atenção; os doentes, de mais cuidados em suas casas e nos hospitais; os

idosos, de mais ajuda e apoio; os pobres, de ajuda, de sopa, de uma palavra amiga, de chás para cuidar da saúde, de apoio humano e fraterno... A Igreja precisava de gente para cuidar das coisas do altar. Havia outras necessidades: oração, acolhida aos atribulados da época (deprimidos). Lá estavam Regina e suas companheiras, percebendo os sinais de vida nos clamores do povo.

Uma história de amor: amor cuidado, amor serviço, amor contagiante. O começo foi difícil. Tiveram de lutar muito para experimentar a alegria do Reino, mas a centralidade do amor de Regina estava na pessoa de Jesus! Foi com Ele que ela aprendeu como viver e como assumir o cuidado com a vida.

São 432 anos do início da nossa família religiosa, “Irmãs de Santa Catarina V. M.”, e 400 anos após a passagem de Regina para a eternidade. O jeito de seguir Jesus, experimentado por ela em sua espiritualidade e no seu compromisso de cuidado com a vida, continua motivando mulheres em sua consagração a Deus. Mistério! A semente caiu em terra boa, brotou e deu frutos de bênçãos de Deus. As últimas palavras de nossa Fundadora às suas irmãs em seu Testamento foram: “o bom Deus vos ajudará em tudo e vos abençoará”. É o que vem acontecendo no decorrer dos séculos.

Neste ano de 2013, no século XXI, quando tantas mudanças sinalizam a necessidade de sermos presença do Reino, intensificamos o aprofundamento do carisma e da espiritualidade de Regina. Celebrando 400 anos de seu início de vida plena na glória de Deus, trazemos seu lema no nosso cotidiano “Como Deus quer”. Neste seu lema estão os sonhos de Deus, percebidos no rosto das crianças, dos jovens e das mulheres, dos pobres e doentes, idosos e deprimidos. Eis a força de seu carisma: tornar visível a presença de Deus onde quer que atuemos, através dos indicadores humanos deixados por ela.

Neste ano centenário, escolhemos trabalhar a mística eucarística: sentar à mesa com Jesus e, com os olhos fixos Nele, ir descobrindo os sinais e as luzes do nosso tempo. Sentar à mesa junto aos doentes, aos idosos, às crianças, aos jovens,

às mulheres e aos sofridos do nosso tempo, para acolhê-los. Sentar à mesa com Regina, a primeira de nós, para celebrar estes 400 anos, na gratidão a Deus. Sentar à mesa com Regina para, juntas, irmos descobrindo as fomes do povo: falta de pão, sede de vida, desejo de acolhida, busca de rumo, sede de Deus. Cabe-nos a escuta com atenção, com carinho, o nosso afeto e, principalmente, nossa experiência de Deus na convivência com as irmãs e irmãos.

LAURO DAROS\*

Em tempos de crise, Deus costuma brindar a humanidade com pessoas brilhantes. Na aurora de 20 de maio de 1789, em meio à guerra, época da Revolução Francesa, nasceu, na França, um menino especial, em cenário geográfico poético, de montanhas, campinas, prados e ovelhas. Ele cresceu no campo, ajudando a família na agricultura e no pastoreio. Estudar não era obrigatório, mas os pais optaram por enviá-lo à escola. Entretanto, assustado com a violência verbal e física do professor contra um aluno, decidiu abandonar os estudos.

A vida, porém, é surpreendente. Certo dia, já adolescente, 16 ou 17 anos, ao voltar do trabalho, encontrou o pároco de Marlhês sentado à mesa, conversando com seus pais. O breve olhar e algumas palavras foram o bastante para que, desse primeiro contato, despertasse a vocação sacerdotal. Dentro dele, acendeu-se a chama que se manteria acesa para sempre.

No seminário, pelas dificuldades nos estudos e pelas características de camponês, foi vítima de *bullying*. Os colegas faziam gozações e riam de seu modo de ser, de falar e de se vestir. Contudo, não se intimidou nem se isolou. Dedicou-se com ardor aos estudos, fez-se amigo de todos e em pouco tempo se tornou o líder dos seminaristas. Ainda no seminário, conhecendo a realidade educacional de seu país e recordando a violência do primeiro professor, teve o sonho de fundar um Instituto que, centrado no amor aos alunos, se dedicasse inteiramente à educação.

Aos 27 anos, ordenado padre, foi enviado para La Valla, cidadezinha do vale do rio Gier, Região Sudeste da França.

\* **Irmão Lauro Daros**, membro do Instituto Marista, é assessor da CRB Nacional no setor de Publicações e Convergência.

A Revolução continuava e a violência da guerra se disseminava. O povo estava abandonado e as crianças do campo, sem escola e sem assistência religiosa. A realidade triste motivou o padre a iniciar logo o projeto. Falou com dois jovens amigos, em quem tinha confiança, e eles, entusiasmados, decidiram fazer parte do sonho.

Aos 28 anos, sonhador e realista, dinâmico e incansável, audaz e destemido, alegre e atencioso com todos, alugou, mesmo sem dinheiro, a pequena e simples casa que viria a ser o berço do Instituto Marista, onde iniciou a formação dos dois primeiros Irmãos. Era o dia 2 de janeiro de 1817. Em seguida, outros jovens foram sendo tocados pelo sonho. A residência foi se enchendo. O padre os recebia e os formava para que se tornassem bons educadores.

Logo surgiu a necessidade de mais espaço. A escassez de recursos financeiros não o desanimou. A imensa fé em Deus e a confiança em Nossa Senhora, a quem chamava de Boa Mãe e de Recurso Habitual, davam-lhe ânimo e forças para continuar. Com empréstimos de amigos, adquiriu bela propriedade à beira do rio Gier e construiu, com o próprio suor e a ajuda dos Irmãos, o novo lar para acolher e formar os candidatos.

Com o desejo de tornar os alunos bons cristãos e virtuosos cidadãos, capacitou os Irmãos para que se dedicassem à educação integral. Ensinou-lhes também a importância da presença amorosa entre as crianças e os jovens e inculcou-lhes a espiritualidade mariana. Considerava Nossa Senhora modelo para os educadores e o caminho mais fácil e eficiente para se chegar a Deus.

A primeira obra educativa assumida pelos Irmãos foi a escola paroquial de La Valla. Bem preparados pelo padre, mostraram-se excelentes formadores. O sucesso foi se espalhando e, em pouco tempo, já dirigiam escolas rurais por toda a França. Rapidamente, difundiram-se pelo mundo. No Brasil, chegaram há 111 anos, em 1897.

Além das dificuldades financeiras, o padre soube, com paciência e amor, suportar muitos outros problemas: doenças, invejas, incompreensões, perseguições. Transmitiu aos

Irmãos o legado das três violetas, pequenas flores, belas, discretas: simplicidade, humildade, modéstia.

Faleceu aos 51 anos, na aurora de 6 de junho de 1840, sábado – dia dedicado a Nossa Senhora –, enquanto os Irmãos cantavam a Salva-Rainha. Em 1999, o Papa João Paulo II o santificou e o denominou Apóstolo da Juventude.

A chama continua brilhando pelo mundo, em 78 países, onde os Irmãos e Leigos Maristas, em obras sociais, colégios e universidades, mantêm vivas sua filosofia e sua espiritualidade, abrangendo crianças, adolescentes e adultos de todas as raças, culturas e condições sociais.

Seu nome: São Marcelino Champagnat.

PLUTARCO ALMEIDA\*

### *E Bento se foi*

A renúncia do Papa Bento XVI colocou a Igreja Católica no centro dos interesses da grande mídia, transformando os assuntos eclesiais/eclesiásticos em conversa de qualquer esquina. Católicos e não católicos, crentes e não crentes, todo mundo achou por bem dar a sua opinião. Assim, durante um bom tempo, a sucessão do Papa foi manchete diária em todos os veículos de comunicação. De repente, não mais que de repente, a mídia internacional passou a dedicar sua pauta cotidiana ao tema da sucessão ao trono de Pedro (se é que Pedro teve um trono algum dia). Aqui no Brasil, por exemplo, a Rede Globo cancelou as férias da sua correspondente na Itália e enviou reforços para cobrir os eventos no Vaticano. O jornal *Folha de S. Paulo*, um dos cinco maiores jornais brasileiros, dedicou páginas e até cadernos inteiros ao Papa, a sua renúncia e ao processo de escolha do substituto. Tudo isso sem falar nas redes sociais que ainda hoje repercutem o assunto de diversas maneiras e com intencionalidades também as mais diversas.

### *Igreja não interessa*

Antes de examinarmos este tema, é bom lembrarmos que a imprensa, de modo geral, a cada dia que passa, vem demonstrando menos interesse em noticiar as coisas da Igreja. Mesmo a CNBB, antes assediada por um batalhão de repórteres, quando convoca uma entrevista coletiva recebe hoje poucas adesões. A Campanha da Fraternidade é um bom exemplo

\* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta. **Endereço do autor:** Av. Governador José Malcher, 1169, CEP 66055-230, Belém-PA. E-mail: plutarcosj@yahoo.com.br.

desse desprestígio que as organizações católicas vêm sofrendo no meio jornalístico ao longo dos últimos dez anos, pelo menos. A repercussão da CF é extremamente tímida. O fato é que a Igreja hoje só é “pautada”, isto é, só consegue entrar na agenda das redações e só recebe atenção dos editores e repórteres quando algum escândalo acontece. Outro jeito de aparecer no noticiário é questionando o governo, denunciando falcatruas e coisas desse gênero. Fora isso, a grande mídia “dá as caras” só quando a Igreja promove algum evento grandioso, desses que reúnem 100, 200, 500 mil pessoas. Mesmo assim, depois da matéria editada, sobra pouquíssimo tempo/espço e o que é publicado raramente é quase nada.

### *Quanto pior melhor*

Explorar os escândalos da Cúria Romana: foi essa a tônica da cobertura, ou da maioria das coberturas, feita pela grande mídia ao longo do processo que começou com a renúncia de Bento XVI e foi até a eleição do novo pontífice. O “enredo” traçado nas redações de TVs, rádios, jornais, revistas, sites e blogs foi construído a partir da lógica do “quanto pior, melhor”. Explico: o que realmente interessava publicar não era o lado bom da Igreja, suas ações em favor da humanidade, sua luta em favor da vida. O que a reportagem devia explorar até cansar eram os escândalos de pedofilia na Igreja, os desvios de dinheiro do Banco do Vaticano, as fofocas, os dossiês secretos, as futricas dos cardeais romanos, as brigas internas pelo poder e tudo mais. Além disso, a mídia aproveitou também o embalo para questionar a Igreja, levantando velhas bandeiras como a dissolução do casamento, o aborto, o celibato dos padres, o sacerdócio das mulheres, o casamento entre homossexuais, e outras temáticas afins. Sem nenhum pudor, a imprensa mundial tentou levar até as últimas consequências esse enredo de destruição e negativismo. Creio que havia muito tempo não se via a Igreja apanhar tanto!

## *Apanhamos calados*

E como foi que a Igreja Católica se posicionou diante de tudo isso? Em Roma o porta-voz do Vaticano deu lá as suas explicações e tentou rebater as acusações dos jornalistas. No Brasil, alguns bispos, padres e leigos escreveram artigos nos jornais e deram entrevistas na tentativa de desfazer um pouco essa onda de acusações contra a Igreja e sua doutrina. Por sua vez, entretanto, a chamada mídia católica, ao menos pelo que eu pude observar naqueles dias, foi bastante tímida. A maioria das “nossas” redes de Televisão e rádio limitou-se a enaltecer a figura de Bento XVI sem firmar posição com relação aos ataques diários que a Igreja sofria. Parece que os editores fizeram vistas grossas ao que se passava nas manchetes pelo mundo afora.

## *E nós com isso?*

Levanto este tema aqui na Revista *Convergência* porque me parece muito importante que os(as) Religiosos(as) reflitam sobre as relações entre Igreja e Mídia, e mais especificamente entre VR Ce Mídia. Hoje em dia não dá mais para ficar calado diante dos fatos que repercutem na imprensa e que nos dizem respeito diretamente. Não é mais possível fingir que não seremos prejudicados por denúncias de escândalos e até mesmo por campanhas de difamação. Fazer de conta que não estão falando/mexendo com a gente, virar as costas, ignorar solenemente nem sempre é a melhor coisa a fazer. A verdade é que cada vez mais teremos uma imprensa livre e soberana guiada por princípios mercantilistas, sem apego a princípios ou normas morais de nenhuma espécie. Esses veículos de comunicação terão (já têm) como único objetivo conquistar e manter audiências custe o que custar, custe a quem custar! E todo profissional de imprensa, e ainda mais quem é dono de algum veículo de comunicação, sabe que os escândalos são sempre bem-vindos porque atraem audiência e fazem os lucros crescerem.

## *Os escândalos nossos de cada dia*

Então, o que fazer caro(a) leitor(a)? E eu falo aqui de modo bem particular para você, Provincial ou Superior, que um belo dia (nem tão belo assim) se viu obrigado a “administrar” algum escândalo em sua Província e/ou Comunidade Religiosa. Não creio que seja tão raro encontrar esse tipo de situação na VR C atual. E a história é mais ou menos essa: algum(a) Irmão(ã) “pisou na bola” e a notícia “vazou” para a imprensa. Os comentários explodiram na cidade e a sua Congregação/Instituto se viu de repente na berlinda. Lembre-se da canção do Chico Buarque “Joga pedra na Geni”? Parece que foi assim que trataram os(as) Religiosos(as), não foi mesmo? E por um momento ficou a impressão de que tudo de bom que vocês fizeram de nada adiantou. Anos e anos de trabalho apostólico/social jogados na lata do lixo devido a um deslize de um(a) irmão(ã). Isto é justo? É claro que não!

### *As reações*

Ora, veja bem, quando o escândalo extrapola os muros da Comunidade Religiosa ou as paredes da Igreja, é possível adotar, a meu ver, três posturas distintas. Convido você a examinar agora uma por uma. Talvez, quem sabe, você e/ou sua Congregação/Instituto se reconheça numa delas.

#### **Primeira: a postura do avestruz**

O escândalo já ganhou as manchetes da imprensa local, todo mundo está falando nas ruas (e também dentro da Igreja), mas a gente finge que não está acontecendo absolutamente nada. Se possível, deixa de ver televisão, de ler os jornais e revistas, de ouvir rádio, acessar a internet. A confusão lá fora está grande, mas eu afirmo para todo mundo que nada disso abala os meus Irmãos ou as minhas Irmãs. Estamos todos aqui em casa serenos e calmos, ou pelo menos fingindo que estamos serenos e calmos!

Nessa mesma linha está o raciocínio do(a) Superior(a), que diz assim: “Isso é fogo de palha e daqui a pouco a poeira

vai baixar. Esses jornalistas a qualquer hora vão nos deixar em paz e tudo voltará à normalidade. O melhor que temos a fazer é não fazer nada!”.

## Segunda: a postura da desforra

Achando que já não é possível reverter a divulgação massiva do escândalo, o(a) Provincial ou Superior(a) simplesmente passa a atacar os jornalistas e até mesmo a demonizar a imprensa, culpando-a de todos os males na face da Terra. Na Comunidade Religiosa e até mesmo nas pregações nas missas ou nas reuniões com os leigos, falamos que tudo não passa de uma grande mentira, uma invenção da cabeça sordida desses jornalistas ateus ou de uma campanha orquestrada para destruir a nossa instituição. Se não podemos ou não sabemos como desmentir, então vamos atacar quem nos ataca e ofender quem nos ofende! Olho por olho.

Para quem adota essa postura, atacar a mídia, jogando toda a culpa sobre ela, pode tranquilizar a Comunidade ou deixar os(as) Irmãos(ãs) menos inseguros. Pousar de inocente ou de simples “vítima” da imprensa pode ser uma boa saída, por que não? O problema é que talvez as verdadeiras vítimas sejam realmente aquelas que as manchetes estão mostrando.

## Terceira: a postura do diálogo

Trata-se aqui de tentar dialogar com a imprensa. Lanço mão da palavra “tentar” porque sei, como jornalista que já trabalhou em algumas redações “civis”, que nem sempre é possível o diálogo. Muitas vezes os “coleguinhas” são recalitrantes e não estão dispostos a conversar com o pessoal da Igreja, sobretudo quando é padre ou freira. Mas não é por isso que a gente deve desistir de tentar.

É claro que para dialogar precisamos fundamentalmente:

- a) **Respeitar o direito que o jornalista tem de publicar as informações.** A liberdade de imprensa é um dos pilares de sustentação de qualquer sociedade digna de ser chamada democrática. Bem ao contrário, o cerceamento da informação é algo típico dos regimes autoritários. O

Brasil, aliás, já viu esse filme algumas vezes na sua história. Portanto, para o bem ou para o mal, é melhor uma imprensa livre do que qualquer tipo de controle que se possa fazer em nome da defesa dos direitos individuais ou coletivos. É melhor que a verdade seja publicada aos quatro ventos, ainda que às vezes essa verdade não seja assim tão “verdadeira”, do que não se ter acesso a ela.

Dito isso, seria no mínimo estranho, para não dizer incoerente, se nós Religiosos(as) tentássemos de alguma maneira cercear o direito à livre circulação das informações, ainda que elas não nos fossem favoráveis. Além do mais, graças ao avanço estupendo da tecnologia, a rapidez e a facilidade com que as informações circulam hoje em dia torna impraticável qualquer tipo de bloqueio ou censura. Não dá para segurar água numa peneira, dá?

**b) Prover o jornalista de todas as informações verdadeiramente corretas**, sem medo de sermos transparentes. Esconder os fatos pode significar para a Congregação/Instituto, mais cedo ou mais tarde, um “tiro no pé”. Explico-me: ao sonegar ou esconder informações importantes, eu posso estar simplesmente atiçando o apetite do(a) repórter, que se for um(a) bom(a) profissional, irá atrás do que deseja, custe o que custar. É bom lembrar sempre aos(as) Superiores(as) um tanto quanto ingênuos(as) que ninguém consegue esconder tudo, o tempo todo, de todo mundo, principalmente quando quem quer saber é um repórter astuto. Como dizia minha avó, “um dia a casa cai”. Então, o melhor a fazer é colocar de uma vez os pratos (sujos) na mesa.

Mas atenção: o fornecimento das informações corretas pode e deve ser feito com a máxima seriedade e com um mínimo de serenidade, mostrando ao jornalista que a Congregação/Instituto não tem o que esconder, pois acredita na verdade e luta por ela. Por via de consequência, também se espera da parte dos profissionais de imprensa a mesma seriedade e igual serenidade no trato das informações que recebem. A liberdade de imprensa está relacionada com a responsabilidade que ela tem ao

tratar as informações. É essa relação madura entre os(as) Religiosos(as) e a mídia que precisa ser construída ao longo do período em que o escândalo estiver frequentando as manchetes.

**c) Acompanhar a publicação das matérias**, colecionando tudo o que vai sendo publicado na mídia e se possível também visitando periodicamente as redações de TV, rádio, jornal, sites, blogs, conversando com os editores, tentando esclarecer os fatos e mostrando “o outro lado” que talvez as pessoas não conheçam.

Às vezes, a distância entre a mídia e os(as) Religiosos(as) é muito grande. Até em cidades pequenas e médias, onde todo mundo (ou quase todo mundo) conhece todo mundo, temos dificuldade em nos relacionar com a imprensa. Existem também, é bom que se diga, certos preconceitos tanto por parte dos jornalistas como dos(das) Religiosos(as). Em casos extremos, isso torna impossível uma relação madura entre mídia e VR C

Mas cuidado: o acompanhamento do que está sendo publicado, evidentemente, não pode se constituir numa espécie de ameaça ou imposição, ainda que bem sutil. Ninguém deve impor a sua “autoridade eclesiástica” ou o seu “prestígio político” (caso o tenha) para inibir o trabalho da imprensa. Isso equivaleria a uma chantagem: “Você não publica porque eu sou uma pessoa importante na sociedade!”. Pode ser que essa estratégia funcione, mas com certeza não está correto nem é o mais honesto a se fazer, muito menos quando estamos falando de VR C

Falando fracamente: é claro que, enquanto Religiosos(as), a nossa relação com a imprensa não pode ser igual ou parecida com a relação que os políticos, por exemplo, mantêm. Há jornalistas que recebem propina ou favores para publicar somente matérias elogiosas a respeito de alguém, escondendo os seus “podres”. As mãos de muitos jornalistas, e principalmente de muitos proprietários de veículos de comunicação, não são assim tão limpas quanto eles dizem. Lutar, então, contra esse tipo de relacionamento “pecaminoso”

com a imprensa é algo que deve fazer parte do nosso programa de vida.

Então,

Sem querer, de maneira nenhuma, dar uma palavra final sobre o assunto, creio que a relação da VRC com a mídia deve se pautar, sobretudo:

- 1) pela busca constante da verdade, através de um diálogo sempre mais maduro;
- 2) pela seriedade/responsabilidade no trato das informações delicadas;
- 3) pelo respeito aos padrões éticos do jornalismo.

Creio também que já passou da hora de a VRC mudar seus conceitos em relação às coberturas da imprensa e passar a ter uma atitude, eu diria, mais proativa. Em resumo: deixar de enfiar a cabeça no chão (primeira postura) ou de tentar atacar quando atacada, fazendo-se de vítima (segunda postura). Isso não leva a lugar nenhum!

A relação com os jornalistas sempre será desafiadora, mas é preciso construí-la porque a cultura midiática em que vivemos assim o exige. Além do mais, nem tudo é corrupção, escândalo. É claro que a Vida Religiosa tem muitas coisas maravilhosas e que merecem ser divulgadas na mídia. Se soubermos aceitar com coragem o desafio de estabelecer um diálogo transparente e verdadeiro com os jornalistas, por certo não vamos evitar a divulgação dos nossos escândalos domésticos, mas poderemos contrapor as más notícias com as “boas notícias”, aquilo tudo que fazemos diariamente em favor do Reino.

# Papa Francisco: uma eleição surpreendente

331

ARTIGOS

LUÍS GONZÁLEZ-QUEVEDO, SJ\*

Ainda é cedo para sabermos, com certeza, o que aconteceu no último conclave. Sabemos apenas que o cardeal Bergoglio foi eleito no quinto escrutínio. O cardeal Angelo Comastri, arcebispo da basílica de São Pedro, contou – com licença do Papa Francisco – que, quando este foi eleito e devia dizer se aceitava, disse: “Sou um grande pecador. Confiando na misericórdia e na paciência de Deus, no sofrimento, eu aceito”.

A eleição do cardeal Bergoglio foi uma surpresa. Seu nome não estava nas listas dos favoritos. Trata-se do primeiro papa latino-americano. E de um jesuíta, contradizendo a tradição inaciana. As primeiras reações, porém, foram muito positivas. A impressão geral é de que a eleição do Papa Francisco foi “uma boa surpresa”. A imprensa internacional está lhe dedicando uma atenção extraordinária neste começo do seu pontificado. Ele, que tinha fama de tímido e esquivo, avesso às entrevistas, tornou-se, de um dia para o outro, uma autêntica “estrela midiática”<sup>1</sup>.

A simplicidade evangélica do novo papa, suas palavras e seus gestos cativaram todo o mundo. Na sua primeira aparição na sacada da basílica de São Pedro, mostrou-se tranquilo, simples e próximo das pessoas. Vestia apenas a batina e a esclavina brancas, sem a mozeta vermelha, tradicional nos papas. Em lugar de uma cruz de ouro, usava a mesma cruz de ferro do seu tempo de bispo. Para deslocar-se, dispensou a limusine exclusiva do pontífice e usou o mesmo ônibus dos demais cardeais. Passou pela Casa do Clero onde

\* **Luís González-Quevedo**, jesuíta, é formado em Direito e Teologia, com dois anos de especialização em Espiritualidade. É mestre de Novíços, membro do CEI – Itaici (Indaiatuba, SP) e redator da revista Itaici. Atualmente, trabalha em Goiânia como Assistente Eclesiástico do Centro Loyola de Fé e Cultura e Diretor Espiritual do Apostolado da Oração. Orienta Exercícios Espirituais. **Endereço do autor:** Rua 220, n. 1469, Setor Universitário, CEP 74.603-140, Goiânia-GO – Tel.: (62) 3218.7265.

1. Maria Sainz, “Una modestia muy midiática”, El Mundo, Madrid, 29 de marzo de 2013.

2. Adolfo Nicolás, superior-geral da Companhia de Jesus. Carta a toda a Companhia, 2013/04, 14 de março de 2013. “Francisco não é um nome – comenta Leonardo Boff. É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo o poder. É uma Igreja ecológica que chama a todos os seres com a doce palavra de ‘irmãos e irmãs’” (“Será a primavera depois de um duro inverno”. Entrevista com Leonardo Boff, IHU on-line, 18 de março de 2013).

3. “Encontro com os representantes dos meios de comunicação” (16 de março de 2013). Em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va), acessado em 24.03.2013. A Igreja que Francisco deseja é “uma Igreja mais simples, próxima, peregrina e despojada”, comenta IHU on-line, em “Conjuntura da semana...”, 8 de abril de 2013.

se hospedou em Roma e fez questão de pagar sua conta. Dispensou, também, o espaçoso apartamento pontifício no Palácio Apostólico, onde se sentiria isolado. Preferiu continuar morando, ao menos “por enquanto”, na Casa Santa Marta, onde se hospedaram os cardeais durante o conclave. Enfim, nas suas aparições públicas na Praça de São Pedro, substituiu o “papamóvel” fechado por um jipe aberto, que o aproxima mais do povo.

Todos esses sinais reforçam a impressão de que com o Papa Bergoglio abre-se um novo capítulo na história do governo da Igreja. Essa impressão foi reforçada pela escolha do seu nome. O nome “Francisco” evoca claramente o espírito evangélico de proximidade aos pobres, a identificação com o povo simples e o compromisso com a renovação da Igreja.<sup>2</sup>

O próprio Papa Francisco explicou aos jornalistas as circunstâncias de sua escolha:

Na eleição, tinha ao meu lado o Cardeal Cláudio Hummes, um grande amigo! Quando o caso começava a tornar-se “perigoso”, ele animava-me. E, quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: “Não te esqueças dos pobres!”. E aquela palavra gravou-se-me aqui [apontando a cabeça]: os pobres, os pobres. [...] Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação; é o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre... Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!<sup>3</sup>

Um sociólogo prevê que o novo papa introduzirá no governo da Igreja uma nova linguagem: “Esse papa tem um estilo inédito. Batizou um novo sistema de comunicação que mudará a linguagem da Igreja”.<sup>4</sup> Já o teólogo Susin



## **Conclusão:** *Que podemos esperar do novo papa?*

Longe de mim a tentação de concorrer com os vaticanistas, que, aliás, erraram nas suas previsões para o último conclave. Mas creio que as primeiras semanas do pontificado do Papa Francisco nos permitem prever que, com ele, o governo universal da Igreja será mais simples e misericordioso, mais descentralizado e mais próximo dos problemas reais das pessoas.

Assim como os papas anteriores manifestaram um sincero desejo de manter boas relações com as diversas igrejas cristãs, com as outras religiões e com os não crentes, Francisco expressou também seu desejo de manter e intensificar esse diálogo com todas as pessoas de boa vontade.

Pelo que diz respeito às comunidades católicas, creio que o que se espera é um governo da Igreja mais pastoral, mais missionário, mais corajosamente evangelizador. A primeira nomeação do novo papa, apenas quinze dias depois de ter sido eleito, parece apontar nesse sentido. Francisco escolheu para ser seu sucessor no Arcebispado de Buenos Aires o bispo de Santa Rosa, Mario Aurelio Poli, que tem fama de ser um homem austero, humilde e apaixonado por Cristo. Essa nomeação parece indicar que o novo papa deseja bispos pastores, que sintonizem com o povo e que sejam homens espirituais e não apenas meros gestores.<sup>11</sup>

Se tivesse que descrever o Bergoglio que eu conheci, há quarenta anos, eu diria que ele era um homem de fé, um religioso fiel aos seus votos, um padre desejoso de ajudar as pessoas a se relacionar com Deus. Na única carta que conservo do então padre Bergoglio, datada do dia 3 de janeiro de 1984, ele prometia rezar por mim, que estava assumindo aquele ano o cargo de Mestre de Novíços, e me pedia que não o esquecesse nas minhas orações.

No dia de sua eleição como bispo de Roma e papa, “princípio e fundamento” da unidade da Igreja Católica, Francisco inclinou-se profundamente, diante da multidão, pedindo

7. Enzo Bianchi, “Papa Francisco. A oração ouvida de tantos cristãos”, IHU on-line, 9 de abril de 2013.

8. “Suscitou enormes esperanças e expectativas de mudança na Igreja. Dará conta desses desejos?”, em “Conjuntura da semana...”, 8 de abril de 2013.

9. Jean-Marie Guénois, Quatro revoluções fundamentais poderiam mudar o Vaticano. IHU on-line, traduzindo artigo publicado pelo jornal francês Le Figaro, 08-04-2013.

10. “‘Irá encontrar muitas pedras nesse caminho’. Carta de Dolores Alexandre ao papa Francisco”, IHU on-line.

11. J. M. Vidal, “Nombramientos al estilo Francisco”, El Mundo, 31 de marzo de 2013.

que rezassem por ele, em um momento de silêncio, antes de ele abençoar o povo. De Bergoglio a Francisco parece haver, pois, uma continuidade nesse traço característico das pessoas espirituais: a sincera confiança na oração.

Termino, recolhendo o que os jesuítas podemos prever a respeito do pontificado do nosso irmão Francisco. Por ser jesuíta e por toda sua trajetória histórica, cremos que ele deverá enfatizar a espiritualidade, a oração encarnada na vida. Em segundo lugar, a pobreza, a misericórdia diante de todas as formas de sofrimento humano. Por último, diante de todas as dificuldades e condicionamentos do governo geral da Igreja, esperamos que Francisco mostre uma virtude que era sumamente apreciada por Santo Inácio de Loyola: a liberdade de espírito.

Da nossa parte, não esperamos privilégios pelo fato de o novo papa ser jesuíta. Como declarou o atual Provincial dos jesuítas da Argentina e do Uruguai, Alejandro Tilve, ao escolher o nome Francisco, o novo Romano Pontífice mostrou seu propósito de “transcender as fronteiras de qualquer congregação religiosa e ser universal”. E, nisso, eu vejo que, paradoxalmente, o Papa Francisco mostrou que continua sendo fiel ao carisma da Companhia de Jesus.

Rezemos, desde já, por este nosso irmão e pai na fé, Francisco, para que as esperanças que ele tem suscitado no início do seu pontificado venham a se realizar AMDG.<sup>12</sup>

12. AMDG, Ad Maiorem Dei Gloriam (para a maior glória de Deus).

## A contribuição da Teologia Latino-Americana para a elaboração de um novo paradigma da vida consagrada

VILMA MOREIRA, FI\*

### *A modo de introdução*

No “inverno eclesial” em que vivemos e que nos recordou com exemplos bem claros o cardeal Martini, pouco antes de sua páscoa, não me resulta fácil escrever sobre este tema.

Porém, ainda que encontremos no Continente enfoques teológicos muito diversos, temos, sim, uma Teologia, aqui gestada, que se tem universalizado por sua capacidade de adaptação a distintas realidades. Denominamo-la “Teologia latino-americana”. Vou referir-me a ela. Conheço-a desde seu nascimento. Creio no caminho que tem feito até hoje. Tenho tentado tematizá-la desde minha juventude. Essa teologia tem iluminado e impulsionado o “que-fazer” teológico de muitos teólogos e teólogas da América Latina e do Caribe, sempre que temos tratado de ler e reler o chamado do Senhor à nossa Vida Consagrada na realidade do Continente, ensinando-nos assim a “beber do nosso próprio poço”.

O caminho percorrido por essa Teologia, com suas luzes e sombras, tem muito a ver com o caminho de muitas religiosas e religiosos latino-americanos e caribenhos nos últimos 50 anos, ainda que se diga, às vezes, que ela morreu. Pessoalmente, creio que continua viva, animando-nos no presente e impulsionando-nos ao futuro. O Congresso Continental de Teologia Latino-Americana, realizado na Universidade de Unisinos, São Leopoldo, Brasil, de 7 a 11 de outubro de 2012, o confirma: desde a mobilização da

\* Vilma Moreira é teóloga e assessora da Vida Religiosa.

comunidade teológica em um sentido amplo, por meio de conferências, painéis, oficinas e cinefóruns até suas conclusões. Seus destinatários foram as pessoas vinculadas à reflexão teológica, à animação pastoral e aos movimentos sociais em uma dimensão ecumênica. Entre eles, estão muitos membros ativos de Conferências de religiosos/as da América Latina e do Caribe.

Ao fazer minha inscrição no Congresso como integrante do grupo “Ameríndia”, eu me lembrava dos começos da Teologia da Libertação e de meus primeiros anos na equipe de teólogos/as da CLAR. Ela nos entusiasmava e animava. Começamos a aprofundá-la e a fizemos nossa. Entretanto, às vezes se escutava, dentro da mesma vida religiosa, críticas sobre a falta de uma “espiritualidade” e de uma “teologia da vida religiosa” dentro da Teologia da Libertação. Logo nos demos conta de que não era esta sua função. Ela nos estava abrindo a mente e o coração para algo mais profundo, que alimentava a espiritualidade na vida consagrada, a partir do encontro com o Deus dos pobres, com o Jesus pobre e humilde do Evangelho e a opção pelos pobres. Desde então, ela tem colaborado muito na animação e vivência de um estilo de Vida Consagrada – que podemos chamar de modelo ou paradigma – para muitos religiosos/as no Continente. Como descrevê-la?

### ***1. Uma teologia latino-americana e caribenha?***

Depois de ter vivido como Igreja as Conferências do Episcopado em Medellín, Puebla, Santo Domingo e na preparação da de Aparecida, Ameríndia publicou, em 2006, um livro muito interessante do ponto de vista sociocultural e político, em relação à presença das religiões e as Igrejas, em vista de um discernimento de caráter propriamente teológico.<sup>1</sup> Ao apresentá-lo, Pablo Bonavía diz, no terceiro bloco, dedicado a temas teológicos, que encontramos “uma reflexão muito coerente com a metodologia da tradição latino-americana que faz sua a perspectiva dos pobres”. Gustavo

1. Tejiendo redes de vida y esperanza. Bogotá: INDO AMERICAN PRESS SERVI CE, 2006. 453 pp.

Gutiérrez intitula sua contribuição ao livro: “A opção profética de uma Igreja que é preciso continuar assumindo”. E diz: “O encontro com Jesus no pobre e insignificante é um critério evangélico de discernimento e, inclusive, de juízo acerca das realidades históricas e cristãs”. Na mesma linha, falam outros autores como José Comblin e Jon Sobrino.<sup>2</sup>

Roberto Oliveros, SJ, escreveu recentemente um artigo sobre o “Profetismo dos pobres”, a partir do profetismo bíblico, que encontra seu ápice e protótipo no Servo pobre e sofrido de Yahvé, como sujeito pessoal e coletivo. Ele se encarna em pessoas concretas no Primeiro e no Segundo Testamento: mais especialmente em Jesus, o Filho; e, a partir dele, no “Resto de Israel” e nas comunidades fermento, desde as primeiras, das que nos vieram os mártires até as CEB que, “com sua vida e palavra, têm guardado e proclamado o amor de Deus pela justiça e pela denúncia da injustiça e violência institucionalizadas”... Isso lhes tem custado diversos tipos de repressão, rejeição e inclusive o martírio, muitas vezes, sorte pascal dos profetas. Cita especialmente os “sem-terra” do Brasil em sua luta pela Reforma Agrária, os “sem-teto”, para quem não existe um lar digno no planeta e as justas demandas dos povos indígenas de Chiapas. A eles se unem milhões de pobres de todo o mundo que precisam migrar e que sofrem hostilidades e maus-tratos por parte das autoridades em todos os níveis.<sup>3</sup>

Em junho de 2012, recebi também um artigo de Jon Sobrino, em que ele fala de uma Igreja “em pobreza e sem poder”. Faz um caminho: a partir de João XXIII, em seu desejo de que se reconhecesse uma “Igreja dos pobres”, recorda o “Pacto das catacumbas”, assinado por 40 bispos pouco antes do encerramento do Vaticano II, e chega até hoje. Retoma os treze pontos do “Pacto” e sublinha sua influência na Igreja latino-americana em Medellín e na pessoa do Mons. Romero, quando, em Puebla, teve contato com alguns bispos que tinham assinado tal pacto. Recorda, enfim, que na atualidade também há alguns desses “pactos”, cujo porta-voz mais eloquente é Pedro Casaldáliga em sua circular de 2009. Assim finaliza seu artigo:

2. Ibid., pp. 307-320; COMBLIN, pp 289-305; SOBRINO, pp. 267-288.

3. Cf. Conferencia de Provinciales Jesuítas de América Latina (CPAL). Documento Web. Sección Textos y Documentos, 2012.

Hoje, nós, na violenta conjuntura atual, professamos a vigência de muitos sonhos sociais, políticos, eclesiais, aos quais de nenhum modo podemos renunciar. Continuamos repudiando o capitalismo neoliberal, o neoimperialismo do dinheiro e das armas, uma economia de mercado e de consumismo, que sepulta na pobreza e na fome uma grande maioria da humanidade. E continuaremos repudiando toda discriminação por motivos de gênero, de cultura, de raça. Exigimos a transformação substancial dos organismos mundiais... Comprometemo-nos a viver uma *ecologia profunda e integral*... Participaremos nas transformações sociais, políticas e econômicas, para uma democracia de alta intensidade... Queremos ser uma Igreja da opção pelos pobres, comunidade ecumênica e macroecumênica também... Faremos da corresponsabilidade eclesial a expressão legítima de uma fé adulta. Exigiremos, corrigindo séculos de discriminação, *a plena igualdade da mulher* na vida e nos ministérios da Igreja. Estimularemos a liberdade e o serviço reconhecido de nossos teólogos e teólogas. A Igreja será uma rede de comunidades orantes, servidoras, proféticas, testemunhas da Boa-Nova... uma Boa-Nova de misericórdia, de acolhida, de perdão, de ternura, samaritana à beira de todos os caminhos da Humanidade... A Igreja se comprometerá sem medo, sem evasões, com as grandes causas da justiça e da paz, dos direitos humanos e da igualdade reconhecida de todos os povos. Será profecia de anúncio, de denúncia, de consolação.<sup>4</sup>

A partir do que escreve Jon Sobrino, não é difícil perceber que a teologia latino-americana está vivendo um tempo de reelaboração. Germinou em um determinado contexto, porém se abre a novos horizontes temáticos porque os cenários vão sendo diferentes a cada dia: a humanização, a questão ecológica, de gênero, a economia, o ecumenismo, o pluralismo e a diversidade, uma nova dimensão da mística e espiritualidade, de acordo com o mundo de hoje e as Ciências, e muitos outros.

## 2. O caminho da VR no Continente

A caminhada de uma parte significativa das consagradas e consagrados na AL e no Caribe nos últimos 50 anos está

4. Cf. Necesidad de volver a la Iglesia de los pobres, em Reflexión y Liberación. Portal del pensamiento liberador latinoamericano, Chile, 19 jun. 2012.

muito dentro da de nossa Igreja e da Teologia da Libertação. No começo dos anos 60, começou-se o êxodo de uma parte da Vida Religiosa para as pequenas comunidades em bairros e apartamentos, entre a população da classe média. Esse fato teve sua importância na caminhada. Porém, pouco a pouco, fomos descobrindo os pobres como uma categoria sociológica e mudando também de lugar geográfico, social e teológico.

Medellín foi para nós “uma leitura latino-americana do Concílio”. Ajudou-nos muito o método do Ver-Julgar-Agir usado em cada um dos temas. Em particular os de Justiça, Paz, Religiosos, Pobreza da Igreja e Pastoral de Conjunto. Desde então tivemos também mais clareza com relação a algumas intuições sobre um novo modelo de Vida Religiosa. O *aggiornamento* pedido pelo Concílio – que se transformou muitas vezes em mera “adaptação” e mudanças externas – deu lugar, para uma parte significativa da VR, à profética opção pelos pobres. Daí que muitos grupos, sobretudo na Vida Religiosa Feminina, comessem a buscar com empenho deslocar-se e procurar viver uma inserção entre eles, dando origem assim a um novo estilo de Vida Consagrada. Ajudaram-nos e continuam nos ajudando a aprofundar nesse modo de vida os livros de Gustavo Gutiérrez: “Beber em seu próprio poço. O itinerário espiritual de um povo”, de 1983, e “Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente”, de 1986.

Vivíamos então uma época bem difícil no Continente: golpes militares, desaparecimento de pessoas, desarticulação de grupos, frustrações, torturas, medo. Porém, em meio a essa dor, gestou-se algo novo: começamos a descobrir a identidade carismática da Vida Religiosa e a perceber em nossas vidas a irrupção lenta, porém constante, do pobre como uma categoria teológica, lugar de revelação de Deus, de questionamento e de conversão.

Puebla nos ajudou muito ao afirmar que a “opção preferencial pelos pobres” era a “tendência notável da vida religiosa no Continente”. Assinalou também vários de seus aspectos positivos e menos positivos.<sup>5</sup> O martírio foi então

5. Cf. Documento de Puebla, Terceira Parte, Cap. II. Vida Consagrada, 721-776; em especial 733-737.

– e continua sendo ainda hoje –, com menos força talvez, o selo da fidelidade de muitos consagrados e consagradas ao seguimento de Jesus e aos crucificados da história.

Ao escrever isso, me vem à memória alguns encontros da equipe de teólogos da CLAR naqueles tempos. Chegávamos cheios de alegria, ainda que cansados e carregados com a dor de nossos povos (como já disse, eram tempos difíceis). Rezava-se e se refletia à luz da Palavra de Deus e de “nossa teologia”. O que depois se colocava por escrito nascia, para muitos/as de nós, das experiências vividas no meio do povo simples, nas comunidades de inserção nos meios populares. Muitos escritos de então constituíram uma síntese “da novidade” que se estava vivendo em muitas Conferências de religiosos/as do Continente, no encontro com o Jesus pobre, encarnado, desfigurado e transfigurado na pessoa dos pobres. Partilho o testemunho de uma Irmã sobre a influência de nossa Teologia desde os princípios de sua Vida Religiosa.

A Teologia latino-americana deu uma grande contribuição à Vida Consagrada em aspectos fundamentais de sua vida e missão. Isso a ajudou a aprofundar na necessidade de “voltar às fontes”, a ocupar-se na análise de sua prática e do como, com quem e com o que estava gastando suas energias, motivando-a a resgatar a novidade do Evangelho e a força do carisma fundante. Entrei na Vida Religiosa na década de 1980 e quase toda a minha formação deu-se à luz dessa Teologia, que me fez provar que a vida religiosa, como instituição, vive seu projeto dentro deste mundo, caminhando às vezes na contramão de suas tendências e outras se deixando influenciar por elas... Essa teologia foi para mim uma possibilidade de apostar na utopia e de ver acontecer muitas coisas boas... Foi, em grande parte, a modeladora de meu perfil de consagrada, de religiosa comprometida nos movimentos populares e em grupos de fé e política, nas pastorais sociais, CEBs, CEBI... e depois também como formadora. Hoje, como missionária *ad gentes* continuo tentando articular elementos nucleares dessa Teologia na condição de resiliente, na invenção de novos caminhos, na verificação

6. Minha gratidão à Irmã Maria Aparecida Silva, CFSSS, por seu testemunho. E a meu “velho tronco”, a Irmã Ana Roy, por tudo o que nos ensinou e animou a ser “criadores de dissonância”. Cf. seu livro: *O beijo de Deus. Provocação à Vida Religiosa*. Brasília, CRB Nacional, Scala Editora. Agradeço também a algumas pessoas que colaboraram para este artigo: Graciela Francovig, Luisa Berzosa e M. Velasco, FI, Angélica Algorta e Cecília Duarte, CP, e especialmente a Luis Casalá, SM.

permanente da atenção aos gritos dos irmãos e, especialmente, na atenção ao Espírito que “sopra onde quer”... Essa Teologia continua instigando a vida religiosa a olhar os exemplos valentes de outrora (os Fundadores)... Permite viver o que implica formar em nós uma consciência dentro de uma ética evangélica, envolta na situação real do outro, do diferente, dos que estão do outro lado da “margem” ou na fronteira de alguma situação-limite. Logicamente, esse desafio não é tão fácil, pois existe um desgaste entre o método e os objetivos históricos da Vida Religiosa... Entretanto, a Teologia latino-americana continua fazendo “a diferença”. Nestes últimos anos, no meu modo de ver, por razões históricas e circunstanciais, parece menos expressiva e influente, talvez com menos alcance que antes e com menos ardor e referência profética. Porém, é um fato que ela continua atuando como “um criador de dissonância”... Como escreveu Ana Roy, o criador de dissonância é testemunha de um novo som, de uma nova música que lança suas notas na desarmonia circundante. Portanto, é testemunha de um novo modo de ver, de viver e de conviver, de apreciar e cultivar as diferenças e de suscitar parcerias e colaborações, de sugerir alternativas para reduzir a falta de afinação geral na confusão de valores e na perda de critérios. A mim (e creio que a todos os consagrados/as), cabe a sensibilidade aguda para escutar e sentir essas dissonâncias, ou seja, tudo aquilo que não se afina com o espírito da vida religiosa consagrada neste tempo em que se confunde o negociável e o inegociável.<sup>6</sup>

Esse longo testemunho de uma Irmã mais jovem e o ensinamento de uma querida matriarca, mestra e teóloga da Vida Religiosa, nos ajudam a situar-nos ante os desafios de um mundo de contradições em que se nos pede, muitas vezes, situar-nos “na contramão”, assumindo “posturas contraculturais” para sermos fiéis ao Jesus do Evangelho hoje.

### 3. *Um novo paradigma?*

É preciso continuar fazendo caminho em nossa Teologia. Há que seguir buscando, à sua luz, novos modelos para a vida religiosa. Há que procurar sempre novas elaborações

como resposta aos sinais e tempos novos. Acaba de nos alertar o profeta Martini pouco antes de viver a páscoa...<sup>7</sup> Os “Lineamenta” do Sínodo de 2012 falam de seis cenários nos quais temos que nos inserir para responder aos apelos do mundo atual: o cultural, o social – sobretudo, a imigração –, os meios de comunicação social, o econômico, a investigação científica e tecnológica e política.<sup>8</sup> Já é um passo, ainda que faltem outros cenários na lista. Sabemos que os olhares, os enfoques e as respostas dentro da Igreja e da vida religiosa continuarão sendo distintos e bastante diversificados. E sabemos também que a Teologia nascida na AL e no Caribe e a Vida Consagrada que ela anima não podem ficar ancoradas no passado, mas têm que se abrir a novos horizontes e reelaborações, se queremos ser fiéis ao Deus da História e às novas questões que se nos propõem. E que, ainda que devamos estar presentes hoje nos grandes aréopagos e em situações de deserto e fronteira, precisamos fazê-lo de outra forma: a partir de uma postura de não poder, de simplicidade, de humildade e de serviço, a exemplo do servo Jesus.<sup>9</sup>

Sabemos que têm sido muito diversificadas as formas de viver a vida religiosa através dos tempos. E é também verdade – ainda que nos custe aceitá-lo – que, apesar da sinergia com a Teologia do Continente ao longo do caminho feito desde o Concílio, sobretudo a partir de Medellín, Puebla, Aparecida e das realizações no campo da inserção e da opção pelos pobres, sofremos hoje o que Carlos Palacio chama de “uma inegável anemia evangélica”. Apesar de um parcial abandono do “modelo tradicional” no pós-Concílio, da tentativa de diálogo com o mundo moderno, da aceitação de valores que nos pareciam estranhos, das mudanças na vida comunitária, no exercício da obediência-autoridade etc., tem prevalecido, no fundo, “uma figura histórica defasada da vida religiosa”. Estamos vivendo uma “crise de identidade institucional e pessoal” em que, apesar de muitas mudanças internas e externas, não temos muitas vezes clareza com relação “à razão de ser e de permanecer hoje na vida religiosa”, de modo muito particular, na vida religiosa

7. Cf. SPORS-CHILL, G. A última entrevista: 8-8-2012. A Igreja retrocedeu 200 anos. Por que temos medo?, em Dom total, página de internet.

8. Cf. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Cidade do Vaticano, 2011.

9. Cf. CODINA, V.; CARRERO, A. D. Nuevos aréopagos... nuevos retos para la VR de AL y el Caribe. San Juan, Conferencia de Religiosos de Puerto Rico, 1997; e MORALES, V. Mística y Profecía en la VR. Paulinas: Bogotá, 2005.

apostólica. Temos sofrido uma “transposição monástica” que tem afetado nossa mesma identidade, ao desfazer a novidade original da proposta desse estilo de vida: a síntese entre a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão. Separamos o “ser” e o “que-fazer” – o que afeta a identidade – como se o primeiro fosse somente de ordem espiritual, interno, e o segundo somente de ordem externa. Vivemos assim uma crise e desarticulação da Missão, que já não é expressão do que somos. Temo-nos feito mais vulneráveis a valores alheios ao Evangelho e temo-nos deixado dominar pelos critérios da eficácia e dos resultados mensuráveis, o que mata a missão e também incide negativamente na vida fraterna. “Essa desintegração da unidade – escreve Palacio – é uma das razões da insatisfação e do desencanto perceptíveis em tantos religiosos”. Esquece-se assim o chamado a viver a forma da vida de Jesus e se corre o risco de reduzir a vida religiosa a um espaço terapêutico de autorrealização. Porém, não se trata de rejeitar a realização pessoal, senão que ela tem de passar por um “descentramento do eu pessoal” ao ser confrontada com o estilo de vida de Jesus, em quem temos de ter sempre “fixos os olhos” (cf. Hb 12,2).<sup>10</sup>

#### ***4. Novos espaços da Teologia e da Vida Consagrada***

Em nosso mundo em mudança, encontramos, em todos os lugares, espaços de mutação na esfera dos indivíduos, da produção de vida, da comunicação, do poder, da interculturalidade, da ecologia, das religiões e de muitas outras esferas...

Ouve-se dizer às vezes que a Teologia latino-americana morreu ou que perdeu “garra” e influência. Perguntado se ela continua tendo sentido hoje, Gutiérrez responde que essa Teologia está estreitamente ligada à presença dos que sempre estiveram ausentes da História. Ainda que aparentemente tenha perdido influência, ela continua tendo sentido. Ademais, a Teologia da Libertação não se identifica exclusivamente com a abordagem da temática singular da

10. Cf. “Luzes e sombras da Vida Religiosa Consagrada nos dias de hoje”, em *Convergência*, set. 2011, pp. 416-428.

pobreza na AL e no Caribe; temos uma forma original de entender e de fazer teologia e, nesse sentido, seu alcance é universal e tem tido influência em outras realidades humanas e eclesiais, em outros continentes, em centros europeus e norte-americanos e, inclusive, em outras religiões. O prof. Vicente Cúbells escreve o seguinte:

... há na obra de G. Gutiérrez uma regra de ouro: a razão de ser da teologia da libertação está unida à relação concreta da pobreza com o Deus bíblico. Portanto, aplicando a regra, enquanto houver pobres, haverá teologia da libertação. Assim simples. Assim claro. Mudarão os perfis dos pobres porque se diversificará e se fará mais complexa a pobreza; haverá que empregar novos métodos de análise para compreendê-la, porém a Teologia da Libertação continuará existindo. A proximidade vocacional da Igreja dos pobres, a experiência espiritual suscitada pelo Deus de Jesus Cristo na contemplação dessa realidade, continuará iluminando uma linguagem sobre Deus, uma forma de entender o “que-fazer” teológico singular, em que a questão da vida e da libertação serão protagonistas; em suma, é a conclusão, continuará vigente a teologia da libertação, uma teologia que, como intuía o mesmo Gutiérrez na introdução de uma edição de 1988, é preciso “olhar longe, mais longe”.<sup>11</sup>

A questão da vida e da libertação: a partir daqui podemos sublinhar novos desafios e perspectivas não somente para a Teologia, senão também para a Vida Religiosa do Continente. Não para o estilo de vida religiosa que está unido aos “movimentos” e aos chamados “novos modos e institutos” que, na realidade, são “velhos”. Porém, sim para a que continua caminhando junto com a Teologia latino-americana. Ainda que se notem às vezes confusão, cansaço, desânimo, pela diminuição, pelo envelhecimento e falta de liderança... Ainda que nos perguntemos às vezes: “Vamos morrer em frente ao mar Vermelho, entre o Egito e a Terra Prometida?”, sabemos que não vamos morrer. Yaveh tem-nos acompanhado e faz caminho conosco. Ele nos diz como a Moisés: “Diga aos filhos e filhas de Israel que se ponham em

11. Cf. CUBELLS, V. La obra literaria de Gustavo Gutiérrez, em algumas páginas de internet sobre o tema.

marcha!” (Ex 14,15). Ele caminha com a vida consagrada na coluna de fogo (guia, força do ideal, comunicação, paixão) e na coluna de nuvem (proteção, revelação, animação)... Outro tipo de presença e de fecundidade, outro caminho nas periferias, fronteiras e desertos de nosso planeta! Novas e velhas pobreza: situações emergentes, novas e urgentes, algumas recordadas no último Sínodo dos Bispos. Comunidades intercongregacionais, ecumênicas, com leigos e leigas que compartilhem a espiritualidade e o carisma; equipes itinerantes de evangelização, novas formas de acolhida aos emigrantes, refugiados, moradores de rua, vítimas do tráfico de seres humanos, vítimas das drogas, da solidão e da falta de comunicação: sem separar o ser do fazer... É preciso povoar os novos espaços: entrar neles com discernimento, lucidez, espírito crítico, humildade e coragem. Com a disposição de molhar-se, suar, sangrar e salgar-se ao atravessar o mar Vermelho. Com paixão e compaixão, duas forças do Espírito que dão novas energias ao carisma, alimentam a espiritualidade, animam a missão, dão qualidade evangélica à vida fraterna e fortalecem a experiência do Deus de Jesus presente em todos, especialmente nos mais esquecidos. Trata-se de entrar com fidelidade dinâmica (Cf. VC37) numa realidade feita de espaços e grupos variados: materiais e imateriais, individuais e coletivos, relacionais, afetivos, virtuais...

### *Para concluir*

Creio que a partir do caminho percorrido neste artigo, pode-se deduzir que a Teologia latino-americana e a Vida Religiosa do Continente se encontram em um momento de profunda reelaboração. Para ser fiéis hoje, terão que abrir-se continuamente a novos cenários, sempre à luz do Evangelho de Jesus e do Jesus do Evangelho. Portanto, haverá que ter sempre mais presente em nosso Ver, Julgar, Agir, Celebrar e Avaliar vários temas importantes: o da humanização, que tem muita relação com o cuidado de toda a vida; o da subjetividade, tal como ela vai se construindo hoje dentro e fora da vida religiosa; o da vida do planeta, a ecologia, que nos pede uma “ecoteologia” e que dá origem a perguntas menos

antropocêntricas e mais centradas na vida. Aos temas que nos apresenta um mundo globalizado, com sérios questionamentos no campo da vivência da sexualidade, da família, das ofertas religiosas, da ética, do social, da diversidade e do pluralismo etc.; o tema da mística e da espiritualidade, em que já não nos consideramos “os donos”, mas humildes aprendizes e buscadores do Deus de Jesus, em comunhão com outras tradições religiosas, em um mundo em que a Ciência nos leva a descobrir novos cenários nos quais há que se buscar e favorecer uma nova experiência de Deus. Tudo a partir de um profetismo que não só se baseia na denúncia e no anúncio, senão que, para vivê-los, tem que nutrir-se da renúncia e do compromisso com a transformação de uma cultura de morte em uma cultura da vida.

Apesar da influência da Teologia latino-americana no caminho da Vida Religiosa do Continente nos últimos 50 anos – com suas muitas luzes e sombras –, talvez não se trate de falar hoje de um novo modelo, porém, de buscar – com paixão – voltar às raízes, ao essencial, ao que responde aos desejos profundos dos que se arriscam a procurar viver – em fraternidade – a aventura do seguimento de Jesus, no encontro radical com Ele em seu Evangelho, para continuar entre todos sua missão de dar vida; enfim, de libertação de tudo e de todas as pessoas n’Ele. E talvez, então, encontremos “um novo paradigma”...

### *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. Que sentimentos o/a acompanharam na leitura do artigo? Sentiu-se otimista ante o futuro da Teologia e da Vida Religiosa em nosso Continente?
2. Como você vê a vida consagrada hoje? A reflexão sobre a Teologia o/a ajuda a orientar mais evangelicamente seu estilo de vida?
3. Quais lhe parecem os desafios mais importantes hoje, para que a vida religiosa seja mais atraente? Seria bom compartilhar este ponto em comunidade.

# Experiência religiosa na internet e midiatização da religião

PROVOCAÇÕES AO DIÁLOGO SOBRE A MISSÃO  
E A PASTORAL NAS REDES DIGITAIS

MOISÉS SBARDELOTTO\*

\* **Moisés Sbardelotto** é doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/RS. Bolsista do CNPq. Ex-coordenador do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil (Stiftung Weltethos) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **E-mail:** msbardelotto@yahoo.com.br.

1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/vatican>>.

2. Disponível em: <<http://www.pope2you.net>>.

3. Disponível em: <<http://www.news.va/pt>>.

4. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>.

## Introdução

Nas mídias digitais, vemos a manifestação de um “novo Verbo encarnado”, de um novo tipo de relação fiel-sagrado. Em uma “sociedade da comunicação generalizada” (cf. VATTIMO, 1992), percebemos que a internet, em suas diversas redes e conexões, passa a ser também um ambiente para as práticas religiosas, o que caracteriza um fenômeno de midiatização da religião nas sociedades contemporâneas. E se “é à luz da revelação feita pelo Verbo Divino que se esclarece definitivamente o enigma da condição humana” (BENTO XVI, 2010, s/p), é primordial entender também essa nova “encarnação” do Verbo.

A alta hierarquia da Igreja Católica, especificamente, respondeu a esse fenômeno comunicacional com uma espécie de “contrarreforma digital”. Alguns exemplos: em 2009, o Vaticano lançou seu próprio canal no YouTube,<sup>1</sup> com vídeos atualizados diariamente. No mesmo ano, foi lançada a página Pope2You,<sup>2</sup> uma iniciativa que, através do Facebook e de um aplicativo para iPhone, permitia o acesso a mensagens de Bento XVI e o envio de cartões digitais. Em 2010, foi lançado o site News.va,<sup>3</sup> reunindo departamentos de mídia e comunicação da Santa Sé. Um ano depois, o site do Vaticano<sup>4</sup> foi reformulado, apresentando uma nova disposição dos conteúdos e possibilitando seu acesso em celulares e leitores eletrônicos. Em 2012, a Rádio do Vaticano anunciou que deixaria de transmitir sua programação em ondas médias e curtas na maior parte da Europa e da América, reforçando seu acesso através da internet. No mesmo

ano, em dezembro, o Papa Bento XVI entrou no Twitter e começou a enviar seus tuítes por meio da conta @Pontifex<sup>5</sup> (cf. SBARDELOTTO, 2013). E no início de 2013, foi lançado o Pope App, um aplicativo para iPhones e iPads para “acessar todo o conteúdo oficial relacionado com o Papa em qualquer formato”, como indica o site oficial do serviço.<sup>6</sup>

Assim, a Igreja tenta lidar, mesmo que vagarosamente, com o funcionamento desse novo mundo comunicacional, ainda em exploração, que lhe exige uma postura à altura das exigências sociais e comunicacionais contemporâneas. Mas como enfrentar os desafios dessa nova realidade, em que os questionamentos do ambiente digital parecem ser sufocantes, especialmente para a vida espiritual e também eclesial?

Neste artigo, buscamos oferecer algumas pistas de reflexão e de provocação a partir do fenômeno da midiatização e do “fazer-se bit do Verbo” na internet. Primeiramente, refletiremos sobre o novo contexto sociocomunicacional marcado por um fenômeno que vem sendo chamado de midiatização, com incidências também sobre a prática religiosa. Em seguida, analisamos alguns deslocamentos da experiência religiosa na internet. Por fim, concluímos que o sagrado em bits nada mais é – e assim deve ser – do que um *ponto de partida* para uma vivência de fé que deve se dar “*ultra media*”. Com isso, esperamos despertar algumas possibilidades de fomento do diálogo sobre a missão e a pastoral “no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé” (BENTO XVI, 2013, s/p).

### ***Midiatização da religião: Processos midiáticos e nova ambiência religiosa***

Constatamos hoje o *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos midiáticos e digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade offline, mas que é agora ressignificada para o ambiente digital, possibilitando uma experiência religiosa por

5. Disponível em: <<https://twitter.com/pontifex>>.

6. Disponível em: <<http://www.news.va/thepeopeapp>>.

meio da rede. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet. O fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho conectado à internet –, pode desenvolver um novo vínculo com o transcendente e com sua comunidade, e um novo ambiente de culto (cf. SBARDELOTTO, 2012).

Esse fenômeno é ilustrado, no ambiente católico, por inúmeros serviços religiosos online: versões online da Bíblia e de orações; orientações via internet com líderes religiosos ou grupos de discussão em redes sociodigitais; pedidos de oração online, em espaços online específicos, ou via tuítes e mensagens públicas no Facebook; as chamadas “velas virtuais”; programas de áudio e vídeo; “capelas virtuais”, dentre muitas outras opções. Ou seja, aquilo que chamamos de rituais online, em que o fiel experiencia a sua fé por meio do sistema católico online.

Como a interação fiel-Deus via rituais online não está dada nem ocorre automaticamente, mas depende de complexos dispositivos, há três âmbitos que favorecem esse vínculo e experiência religiosos: a *interface* (as materialidades tecnológicas e gráficas dos sites), o *discurso* (coisa falada e escrita nos sites) e o *ritual* (operações, atos e práticas do fiel), que, a partir da internet, vão conhecendo novas possibilidades e limites (cf. SBARDELOTTO, 2012).

Nisso também se encontra mais uma das facetas de uma sociedade em midiatização, pois o meio comunicacional passa a ser também uma ambiência social de vivência, de prática e de experiência da fé. Ou seja, em uma sociedade em midiatização, o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias. Estão em questão, por isso, os fundamentos de ambos os âmbitos sociais – comunicacional e religioso – em suas interações e afetações.

É nesse contexto que entra em cena a midiatização como *fenômeno sociocomunicacional contemporâneo*. Em termos gerais,

a midiaticização pode ser entendida como um metaproceto, segundo Krotz (2007). Para o autor, metaprocessos são “construtos que descrevem e explicam teoricamente dimensões e níveis econômicos, sociais e culturais específicos de mudança real” (ibid., p. 257). Ou seja, processos que duram por séculos e que não estão necessariamente confinados a determinada área ou cultura, e nem se sabe exatamente quando começam ou terminam.

A midiaticização é um metaproceto comunicacional, nesse sentido, porque se baseia na “modificação da *comunicação [midiática] como a prática básica* da forma como as pessoas constroem o mundo social e cultural” (KROTZ, 2007, p. 257). Ou seja, é a complexidade das “mediações comunicativas da cultura” (cf. BRAGA, 2012) e também do fenômeno religioso.

É nesse ambiente que “as mídias podem ser, ao mesmo tempo, fonte de religião e espiritualidade, um indicador da mudança religiosa e espiritual e estar articuladas com as tendências religiosas e espirituais – mudando a religião mediante essas interações e sendo mudadas por essa relação” (HOOVER, 2008, p. 4). Analisar a midiaticização da religião, portanto, é analisar um processo de secularização, “em que a mídia tem assumido muitas das funções sociais que costumam ser desempenhadas pelas instituições religiosas”, em que “a religião está sendo crescentemente subsumida sob a lógica da mídia, em termos de regulação institucional, conteúdo simbólico e práticas individuais” (HJARVARD, 2008, pp. 10-11). Assim, “o que emerge da mídia é uma forma de fazer religião, de ser religioso” (GOMES, 2004, p. 10), de experimentar o sagrado.

do sagrado (hierofanias) que ocorrem na vida pessoal, é a “relação interior com a realidade transcendente” (MARTELLI, 1995, p. 135).

Essa experiência ocorre em todos os lugares e em toda a história, embora suas expressões sejam cultural e historicamente condicionadas. Pode-se “experimentar Deus *sempre e em qualquer situação*” (BOFF, 2002, p. 90, grifo nosso), como também nas redes digitais – experiências religiosas *diversas e difusas*, que também se consomem na sua comunicação aos demais, pelo testemunho em rede. Um circuito comunicacional, de fato, que interliga o fiel e o sagrado, mas também um “outro” a quem o fiel narra a sua experiência, via mídia.

Ocorre assim uma revolução no fazer religioso. Em primeiro lugar, *temporalmente*, os tempos e períodos tradicionais da vida litúrgica da Igreja mudam fortemente na internet. Agora, um ritual religioso pode ser feito a qualquer hora do dia e em qualquer lugar, independentemente dos horários e da localização dos demais membros da comunidade. O sistema digital se encarrega de mediar essa interação. Os processos lentos e vagarosos da ascese espiritual (os “séculos dos séculos”) vão sendo agora substituídos por uma lógica da velocidade absoluta, marcada pela expectativa de onitemporalidade e de imediatismo que a digitalização fomenta.

Por outro lado, há um deslocamento *espacial* da experiência religiosa: a celebração feita do outro lado do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto. Assim, instaura-se uma nova forma de presença: uma “telepresença”, possibilitada pelas representações de sagrado disponíveis no sistema católico online. Mas a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença” (cf. MANOVIÇH, 2000): não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente. Assim, também entra em xeque a noção de *participação*.

A religiosidade digital também traz consigo uma *materia- lidade* totalmente própria: numérica, de dígitos que podem ser alterados, deletados, recombina- dos de acordo com a vontade do sistema e/ou do fiel. Mas isso pode passar despercebido ao fiel, devido à transparência da técnica: a sensação

de sacralidade construída pelo sistema promove (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante de* (e *apenas de*) Deus, sem atentar para os protocolos e lógicas que a técnica comunicacional imprime sobre a sua experiência religiosa.

*Discursivamente*, o fiel constrói sentido religioso por meio de narrativas fluidas e hipertextuais, marcadas por uma constante descontextualização e recombinação de sentidos. São discursos fragmentários, em que o fiel seleciona e escolhe a alteridade discursiva (terrena ou divina) com a qual quer se comunicar. De um lado, a internet apela a uma fé individualizada (o indivíduo diante da tela), mas isso não elimina a assembleia, embora agora extremamente fluida, maleável, passageira e geralmente desconectada da vida do fiel. Impera a lógica do acesso, em que o pertencimento-participação em uma comunidade não se define pela localização geográfica, mas sim por uma ambiência fluida em que só faz parte dela quem a ela tem acesso.

*Ritualisticamente*, os atos e as práticas de fé do fiel constroem-se agora mediante a *liturgia digital* da internet, marcada por uma lógica da seleção. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta oferece modelos para as práticas e o imaginário litúrgicos. De base computacional, explicita-se na internet uma *religiosidade algorítmica*, em que o fiel *faz o sistema fazer* o que já está programado.

Assim, nos usos, práticas e apropriações dos fiéis, reconstrói-se e ressignifica-se continuamente o sentido do sagrado. Vê-se na internet uma *religiosidade em experimentação*, marcada pela pouca fidelidade institucional e doutrinal, pela fluidez dos símbolos em trânsito religioso e pela subjetivação das crenças. O desafio é enfrentar essa realidade com responsabilidade pastoral crítica, sem anacronismos, nem deslumbramentos, percebendo na digitalização uma *complexificação* do fenômeno religioso – não necessariamente a sua *simplificação* ou *facilitação*, muito menos a sua *salvação*.

## *O sagrado em bits, apenas um ponto de partida*

O sagrado se manifesta em sua total “graça”, literalmente como, quando, onde e se “Deus quiser”, diante de uma interioridade pessoal que a ele se abra profundamente. Mesmo que o sagrado possa manifestar-se em pedras, árvores, ou até em bits,

não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore [ou do bit como bit]. A pedra sagrada, a árvore sagrada [e o bit sagrado] não são adoradas como pedra ou como árvore [ou como bit], mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra nem árvore [nem bit], mas o sagrado (ELIADE, 1992, p. 13).

Dessa forma, o sagrado, em sua “encarnação em bits”, ganha sentido e se complexifica nas interações com o fiel, que são *totalmente livres, íntimas, misteriosas*. O que sabemos é que elas ocorrem, *algo ocorre, e algo sagrado*. Um sagrado que *não está lá*, mas se revela e é descoberto *mediante a experiência do fiel*. Se os fiéis de hoje, como o Moisés bíblico, “sobem a montanha digital”, é porque viram uma “sarça ardente” em seu topo (cf. BRASHER, 2004).

Contudo, a hierofania não se restringe a um único âmbito do humano, pois o sagrado *não pode* ser contido, por exemplo, pelo ambiente digital, nem pode se encontrar em sua totalidade em um elemento específico (muito menos em um bit, um pixel, que, além do mais, pode ser alterado a qualquer instante). O sagrado escapa e supera todos esses elementos. “O sagrado equivale [...] à realidade por excelência [...] está saturado de ser” (ELIADE 1992, p. 14): é a Realidade absolutamente transcendente, o totalmente Outro, o *superior summo meo* e o *intimior intimo meo*.

Na experiência religiosa online, portanto, é preciso conservar intactas a *distância* e a *diferença* entre o digital e uma Realidade Última *ultra media*, uma exterioridade divina que vai (muito) além da tela conectada à internet e de seus elementos simbólicos: o bit pode revelar algo do sagrado, *mas*

*não é o sagrado*. Assim como a internet “é talvez a imagem mais bela da *incompletude do real*; [pois] nas *home pages* não há nada que seja completo” (GRILLO, 2011, p. 34) – todos os conteúdos são maleáveis, flexíveis, modificáveis, deletáveis –, a experiência religiosa da internet também é “incompleta”, assim como qualquer outra experiência religiosa, pois sempre trará consigo mediações (e talvez até deturpações) culturais e históricas.

Continuando a metáfora de Brasher (2004), portanto, a “montanha digital” da internet conserva “em toda a sua complexidade o *ponto de partida experiencial* e, por isso, confuso e magmático, pluralista e descentrado, do qual emerge o ato da fé” (GRILLO, 2011, p. 35, grifo nosso). Mas não só isso: a voz que saía da sarça, no texto bíblico original, dizia a Moisés: “E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,10). Portanto, a montanha e a sarça foram apenas o *ponto de partida* de uma experiência de Deus que se revelou muito mais complexa, ampla e exigente, *para além da própria montanha e da própria sarça*, dando início a uma longa “busca pela Terra Prometida”. Assim também a experiência religiosa online deve ser um *ponto de partida* para uma experiência ultramidiática, que deve se abrir ao horizonte amplo e desafiador da busca pela libertação do povo de Deus.

“Não se testemunha o Evangelho em rede limitando-se a ‘inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios’, fechando-se às perguntas verdadeiras e urgentes, às dúvidas e aos desafios das pessoas de hoje” (SPADARO, 2013, p. 227). Portanto, não basta se contentar com a “transfiguração” da experiência religiosa online e “construir tendas” digitais: é preciso “descer da montanha” e ir ao encontro da “grande multidão” (cf. Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). O mandato de Jesus a seus discípulos é de irem por todo o mundo pregar a Boa-Nova a todos os povos (cf. Mc 16,15; Mt 28,19), não apenas por palavras, mas também se necessário dando a vida. “A única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é

um enunciado experimental, lógico, metafísico, *mas sim um apelo prático* –, é a verdade do amor, da *caritas*” (RORTY & VATTIMO, 2006, p. 71, grifo nosso).

Resta saber se os rituais online – ou qualquer outra mediação do sagrado – ajudam na manifestação dessa verdade, com todo o “apelo prático” que dela emana. Pois “é bom escutar a Palavra de Deus e, portanto, anunciá-la da melhor forma possível através da narrativa e do discurso; *mas é ainda mais importante tentar colocá-la em prática*. Nesse aspecto, não mudou o *status* da verdade – *a relação entre um dizer e um fazer*” (SCHLEGEL, 2012, p. 18, grifos nossos). Ou seja, o *Lógos* (dizer) *que se faz carne* (fazer).

Talvez aí se encontre um ponto relevante para futuras reflexões: na mediação do sistema digital, há possibilidades e impossibilidades; facetas do sagrado que mais se manifestam, e outras que se manifestam menos; experiências religiosas que são fomentadas, e outras que não o são. E tudo isso marcado por determinações e escolhas de cada usuário, do programador de cada site, do próprio sistema católico online como um todo. Ou seja, o risco é “perder de vista a diversidade [das manifestações do sagrado], aumentar a intolerância [inter e extraeclesial], fechar-se à novidade [que também vem do próprio Espírito], ao imprevisto que foge dos meus esquemas relacionais ou mentais” (SPADARO, 2013, p. 227), criando “bolhas” ou “guetos” de pessoas e informações, conforme o autor, que correspondem às minhas ideias, sem qualquer abertura à alteridade e à diferença. Portanto, a oferta de experiência religiosa na internet também apresenta “limitações ao sagrado”, e o risco é de não perceber que “a linguagem sobre Deus é uma das mais difíceis e perigosas com que trabalhar, porque *pode resultar em estruturas opressivas ou ser um trampolim para a libertação*” (HUNT, 2012, p. 6, grifos nossos).

Em seu sentido teológico mais profundo, *communicatio* (comunicação) e *communio* (comunhão) estão intrinsecamente relacionadas e compartilham um mesmo radical: *mun* (ambiente comum compartilhado) e *munus* (dom recíproco) (cf. EILERS, 2013). Para a fé cristã, Deus não comunica “algo”,

mas sim Ele mesmo. É nesse sentido que Santo Agostinho poderá afirmar: “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus”.<sup>7</sup> Por isso, a encarnação é o *sacramento da comunicação por excelência*: Deus se autocomunica a um “outro”, se “aliena” (cf. RAHNER, 1969), “sai de si”, “o Mistério se faz o outro” (BOFF, 2011, p. 39), convidando-nos a também fazer o mesmo com relação aos “outros” – especialmente os mais pobres, famintos, sedentos, estrangeiros, nus, doentes, presos (cf. Mt 25,31-46) – que nos circundam. Só assim é que a comunicação-comunhão divino-humana gera a *koinonia*, em que todos compartilham os mesmos sentimentos (cf. At 1,14), vivem a comunhão fraterna, partindo o pão e a oração (cf. At 2,42) e colocando todas as coisas em comum (cf. At 2,44).

Concluindo, fica a pergunta: os sites católicos, seus rituais online ou as práticas católicas difusas nas redes sociodigitais conseguem promover – embora com suas limitações e na tentativa séria de superá-las – um pouco dessa *koinonia*, desafiando os fiéis a construir um ambiente comum (*mun*) e a doar-se reciprocamente pelo próximo (*munus*)? O desafio é tornar a rede – ao menos em suas redes e conexões católicas – “um lugar de diálogo aberto, de reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças”, promovendo o encontro dos fiéis “com as instâncias da contemporaneidade [para] que a pessoa de fé sinta a necessidade de rezar mais e de aprofundar melhor o conhecimento da fé” (SPADARO, 2013, p. 228).

Sem dúvida, “a prática popular [hoje midiaticizada], em seus distanciamentos e liberdade, é um lugar importante de escuta” (DUQUO C, 2006, p. 78) dos pesquisadores de todas as áreas interessadas.<sup>8</sup> O “sinal dos tempos” da midiaticização da religião está aí, manifestando-se com cada vez mais força e demandando de nós uma postura pastoral atenciosa, reflexiva, crítica e principalmente responsável.

#### 7. AGOSTINHO.

Sermo 13 de Tempore: PL 39, 1097-1098.

8. Como indica a teóloga Nelle Morton, no princípio, não era o Verbo, mas sim o grande Ouvido inclinado para escutar e ouvir. No princípio era o escutar – eis o nosso desafio como pesquisadores e como Igreja. “Antes de falar, vem a disposição de ouvir. É uma inversão completa da se-quência habitual na comunicação, pois o ouvinte, e não o falante, tem o poder de iniciar [...] essa é a maneira de Deus ser” (HUNT, 2012, p. 9). Por isso, para além de Palavra, Morton “sugeriu que o papel primeiro de Deus é escutar. Imaginem-se as inúmeras implicações dessa inversão de papéis” (HUNT, 2012, p. 9), não apenas para a vida eclesial.

## Referências

- BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Vaticano, 2010, s/p. Disponível em: <<http://migre.me/99V6D>>.
- \_\_\_\_\_. *Declaratio*. Vaticano, 2013, s/p. Disponível em: <<http://migre.me/drEzE>>.
- BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus; A transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cristianismo; o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). *Mediação e midiatização*. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 31-52.
- BRASHER, Brenda E. *Give me that online religion*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.
- DUQUO C Christian. *A teologia no exílio; o desafio da sobrevivência da teologia na cultura contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- EILERS, Franz-Josef. *Communication theology; some considerations*. Texto postado no site do St. Joseph Freinademetz Communication Center (JFCC), no link Resources. Disponível em: <<http://migre.me/drESz>>. Acesso em: 28 fev. 2013.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMES, Pedro Gilberto. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades; dimensões históricas. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, n. 8, 2004.
- GRILLO, Andrea. Segni, riti e atto di fede nel cyberspazio; internet come “atto secondo” e come “atto primo”. *Credere Oggi*. Pádua: Messaggero di S. Antonio Editrice, n. 183, pp. 29-43, maio-jun. 2011.
- HJARVARD, Stig. The mediatization of religion; a theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights*, Copenhagen, vol. 6, 2008, pp. 9-26. Disponível em: <<http://migre.me/8S8PV>>.
- HUNT, Mary E. Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 66, 2012.
- HOOVER, Stewart M. *Media and religion*; white paper from the Center for Media, Religion, and Culture. Boulder: CMRC, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/8UUZT>>.

- LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MANOVI CH, Lev. *The language of new media*. London: The MIT Press, 2000.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna; entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago (org.). *O futuro da religião; solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit; a comunicação e a experiência religiosa na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.
- \_\_\_\_\_. *@Pontifex e os sacros tuites; as redes sociais digitais segundo Bento XVI*. São Leopoldo, 30 jan. 2013. Artigo postado no site do Instituto Humanitas Unisinos, no link Notícias. Disponível em: <<http://migre.me/ds1SZ>>.
- S CHLEGEL, Jean-Louis. Narrar Deus nos dias de hoje; possibilidades e limites. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 68, 2012.
- SPADARO, Antonio. Il Papa, Twitter e lo spazio digitale. *La Civiltà Cattolica*, Roma, ano 164, v. I, n. 3903, pp. 220-233, 2 fev. 2013.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

### **Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Os sites católicos, seus rituais online ou as práticas católicas difusas nas redes sociodigitais conseguem promover a *koinonia*, em que todos compartilham os mesmos sentimentos (cf. At 1,14), vivem a comunhão fraterna, partindo o pão e a oração (cf. At 2,42) e colocando todas as coisas em comum (cf. At 2,44)?
2. Qual sua experiência religiosa na internet? Você a usa como ferramenta para a nova evangelização?
3. Comente esta citação: Pode-se “experimentar Deus sempre e em qualquer situação” (BOFF, 2002, p. 90), como também nas redes digitais.

## Entre sinais, desafios e tarefas: as novas gerações na VRC\*

NATALINO G. SOUZA, FMS\*\*

*“Somos viajantes. O que é um viajante? Vou dizer em uma palavra: caminhar. Que sempre te desagrada o que és para chegares ao que ainda não és... Vai em frente, caminha sempre, acrescenta sempre”*

Santo Agostinho, A Cidade de Deus.

\* Texto elaborado a partir da conferência ministrada no Congresso das Novas Gerações da Vida Consagrada, em fevereiro de 2012, na cidade de Aparecida.

\*\* **Natalino Guilherme de Souza**

é Irmão Marista, formado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e mestrando na mesma faculdade.

Compõe a Diretoria da CRB – Regional Minas. Também é bolsista da FAPEMIG. Endereço do autor: Rua São Felicíssimo, 238, Betânia, Belo Horizonte-MG. CEP: 30.580-250. E-mail: nadalsg@gmail.com.

Atualmente, confrontamo-nos com um paradoxo. As instituições, cuja vocação é a de criar modelos de referência, passam, há alguns anos, por uma espécie de crise. As instituições religiosas parecem padecer da mesma sorte. Estas últimas estão como que sem fôlego. Não é para menos. Elas estão sendo bombardeadas por todos os lados. E nós sabemos que o objetivo de um bombardeio nunca é construir. Pelo contrário.

No anverso dessa realidade, as coisas mostram-se diferentes. Há uma constatação facilmente verificável: as novas gerações que chegam à VRC trazem consigo aquele fôlego que parecia faltar. São mais exigentes, generosas, criativas e articuladas. Além de primar por autenticidade e transparência nos projetos de suas instituições.

Contudo, essas novas gerações vivem dilemas e desafios que exigem – delas e das instituições – discernimento sério acerca de que novos caminhos trilhar para que a VRC não se mostre como projeto absurdo ou ilegítimo. Portanto, já não nos é lícito “anestésiar” temas capitais à sanidade e ao equilíbrio dos membros de nossas instituições. Tampouco ficar ancorados na reflexão binária do “tudo ou nada”, quando nos é exigido avançar. Aqui parece residir a dificuldade. E o desafio para enfrentá-la.

Toda escolha exige renúncia. Neste texto, por sua natureza e dimensão, optamos por três temas que parecem importantes como desafio às novas gerações da VR C na contemporaneidade, a saber: a crise de referências, o conflito entre autonomia e tradição e a espiritualidade no contexto midiático. Seguramente, há muitos outros temas também importantes e que poderiam figurar como realidades igualmente desafiadoras às novas gerações. Consideramos aqui a possibilidade de que eles sejam promovidos e debatidos nos diversos espaços onde se pensa a VR C hoje.

### *VRC e a crise de referências*

O mundo busca sinais “vivos” de esperança. Busca referências. Desde suas origens, a VR C sempre foi reconhecida por denunciar – dentro e fora da Igreja – as realidades que minavam o projeto do Reino no meio do povo. Por isso mesmo, não é exagero afirmar que a sua força no mundo é uma *necessidade*. Não é só importante, mas necessária. Como sopro e impulso do Espírito, ela continua, sem dúvida, sendo *necessidade* do mundo. Às vezes, no entanto, paira sobre os(as) religiosos(as) a impressão de que a imagem profética da vida religiosa está embaçada por espécie de desânimo, cansaço. Até mesmo as novas gerações sofrem com esse influxo. Mais ainda. Esse sentimento vai minando as motivações, provocando crispções no coração da missão e enfraquecendo o testemunho das comunidades. Outra vez, esse é um dos lados da realidade. Há ainda outra paisagem a ser explorada.

Se é verdade que há uma espécie de crise de referências que assola a VR C nos diversos níveis, também é verdade que essa crise gera movimento, descortina novas oportunidades até então desconhecidas à VR C. Demonstra-o claramente a presença de religiosas(os) em lugares de fronteira, onde a vitalidade de suas comunidades – entrelaçada à dinâmica das comunidades locais – gera vida e faz brotar novos modelos de referência. Descobre-se que atualmente as referências não só são muitas, mas mutáveis. Ou seja, são muitos os rostos e gostos, o que exige das escolhas pessoais e institucionais mais discernimento e responsabilidade.

Ao contrário do que parece, tal situação não fragiliza a VRC. Pelo menos não deveria. Antes, abre oportunidades sem precedentes às novas gerações. Estas, já não emolduradas por formas cristalizadas de presença e atuação, são desafiadas a revisitarem os valores de sua tradição institucional e colocá-los novamente à luz. Aqui, recordo-me de quando cheguei à China. O meu horizonte de referências parecia cada vez mais distante. E a necessidade de retomá-lo, cada vez mais premente. Empurrado pelo contexto, fui convidado a rever a forma de ser religioso que, até o momento, parecia adequada e confortável. Foi quando me senti mais livre para ousar novos passos.

Evidentemente, a busca de novas formas para que a VRC continue sendo referência para o mundo não é trabalho solitário. A dimensão comunitária continua sendo – ontem e hoje – realidade irrenunciável da VRC. O desafio, portanto, está colocado: formar comunidades-referência em que a solidariedade interna de seus membros se estenda às realidades nas quais essas comunidades estão inseridas. Encaradas nessa perspectiva, parece-nos mais factível que tais comunidades se tornem lugar de acolhida e amadurecimento das novas gerações. Onde a diferença geracional fomenta mais debate e menos embate e todos se sintam implicados ao processo de evangelização e de crescimento pessoal.

Resta, contudo, outro elemento que as novas gerações trazem para o seio das comunidades religiosas e que, não poucas vezes, produz reações extremas, além de não ser devidamente confrontado: o conflito entre a autonomia e a tradição. Toquemos um pouco nesse tema. Cuidadosamente.

### *Novas gerações e o conflito entre autonomia e tradição*

Seria ingênuo não reconhecer que a autonomia, se não é o maior, está entre os maiores valores da sociedade contemporânea. No caso da VRC para que essa autonomia seja acolhida de fato como valor, é preciso que a observemos mais de perto. Até porque há elementos na autonomia

defendida pela sociedade contemporânea que nos levam a caminhos que, no fundo, não passam de desvios. Por isso, esse tema deve ser tratado com a seriedade que ele exige.

As comunidades religiosas não são como uma caixa de fósforos: todos com a mesma cabeça e o mesmo poder de fogo. Não é isso. Na comunidade, os valores de cada pessoa vão sendo reformulados, potencializados e colocados à luz da Palavra de Deus. Outro fato pode ilustrar bem essa afirmação. Morando nas Filipinas, fui com um coirmão visitar a família de um jovem. Na entrada da porta principal da casa havia muita formiga. Eu, no ímpeto ocidental, comecei a pisar nelas, no intuito de exterminá-las e acabar logo com o incômodo que causavam. Meu coirmão, imediatamente, colocou a mão no meu ombro e pediu que parasse. Pegou uma vassoura, empurrou suavemente as formigas para o extremo da porta e disse: “elas vão encontrar o seu caminho”. Esse fato atenta para a necessidade de a comunidade ampliar o nosso horizonte de valores. Também reforça a certeza de que a comunidade nos ajuda a reconhecer e dar nomes a nossos limites e possibilidades. Torna-nos conscientes dos primeiros e amplia os últimos.

Falar de autonomia e tradição recorda-nos outros dois elementos: a memória e o esquecimento. O risco é estacionar em um dos extremos: ou se cristaliza toda a memória, enfraquecendo-a; ou se esquece de toda a tradição, matando-a. Entretanto, para cultivar o melhor das tradições temos, obrigatoriamente, que recorrer à memória. E é nesse movimento vital que devemos ser cordiais e aprender de nossos erros. Fazê-lo é sinal de maturidade. Porque, de fato, só o que é assumido pode ser redimido. E esse movimento é mais do que exercício intelectual. É, como afirmamos antes, vital.

Outro fato pode nos ajudar a perceber a necessidade do discernimento, quando lidamos com a autonomia e a tradição. Certa vez, um amigo, durante as férias na família, foi visitar um colega de infância que vivia no campo. Ao chegar, viu que o pai do rapaz plantava algumas árvores na propriedade. No dia seguinte, percebeu que as vacas

pisotearam as árvores durante a noite. A convite do colega, cercou-as com arame farpado, o que evitaria que as vacas voltassem e destruíssem as frágeis árvores. No mesmo dia, passeando pela propriedade, observou que as mangueiras tinham, em algumas partes dos troncos, sinais de estrangulamento. Ao se aproximar, ainda pode ver expostos os arames que tinham sido colocados outrora e nunca retirados. Diante do que viu, pensou: “isto é exatamente o que pode ocorrer com a VRC o que antes nos protegia, hoje nos está matando”.

Logo, absolutizar a memória ou o esquecimento tem o mesmo efeito devastador. Por isso, para as novas gerações, é bastante legítimo resistir a alguns elementos da nossa tradição, que podem já não dizer mais nada para nós, hoje. Em contrapartida, não é nada legítimo querer simplesmente demoli-las. As novas gerações são convidadas a estar conscientes desse fato. Portanto, quando abordamos o tema da autonomia e tradição na VRC não falamos de grandezas opostas e antagônicas. Ou mesmo de duas trincheiras de frente de batalha. O desafio é: transformar o que parece ser um duelo num dueto. Harmônico. Não para que as nossas consciências fiquem tranquilas, mas porque, de fato, é assim que deve ser.

Esse dueto só pode estar afinado se for exercitado pelo diálogo. Como epicentro do equilíbrio de forças nas comunidades, o diálogo pede sempre a disposição de escutar. Inclusive, seria importante desconstruir a ideia – muito difundida entre nós – de que sinônimo de diálogo é consenso. Outro dia mesmo, depois de uma reunião, alguém me disse: “Não se pode dialogar com fulano, porque não há consenso”. Nem sempre onde não há consenso, não houve diálogo. O mais importante é se perguntar: como lidamos com o discurso que produzimos ou reproduzimos? Não dialogar, mas fazer *lobby* é que é, de fato, uma pena. E isso não pode acontecer com as novas gerações na VRC. Assim, a atitude dialógica exige escuta. Inclusive porque o(a) outro(a) questiona a minha autonomia. Jesus mostra isso inúmeras vezes no Evangelho. Não deixar-se questionar é abrir as portas

para que a própria vida seja uma falácia, uma mentira, motivo de chacota. É degradar o sentido profundo e o valor real da autonomia.

A crise de referências e o desafio da relação entre autonomia e tradição tocam, portanto, outra dimensão central para a VR C como um todo e para as novas gerações, em particular: a espiritualidade. De que desafios padece a espiritualidade e como as novas gerações podem responder a tais desafios?

### *Espiritualidade, mídia e espetáculo*

A vivência autêntica da espiritualidade remete-nos ao cerne da Consagração. Se é assim, terminaremos pelo que seria o começo desta reflexão.

Nossa sociedade é, sem dúvida, a sociedade do espetáculo. Tudo vira manchete num piscar de olhos, ou num simples “clic”. A título de exemplo, citemos o julgamento do “mensalão”. Não se discute aqui o fato de que aquelas pessoas não mereciam ser julgadas ou mesmo condenadas. O que ressaltamos é o “espetáculo” que aquilo se tornou. As entradas dos juízes, as vestimentas, o aparente tom de *glamour* e a seriedade que se dava ao fato. Tudo parece ter sido reconfigurado no palco da mídia.

A VR C também não sai ilesa do influxo midiático. Em linguagem metafórica, pode-se afirmar que a mídia joga com diferentes imagens da VR C, mostrando-a com muita *copa e pouca raiz*. Não trataremos aqui das grandes “copas” que se veem aqui e acolá na Igreja. Falaremos das raízes. Aquelas que crescem na parte profunda da Consagração e no compromisso gerado por ela. Em outras palavras: o estar com Jesus e assumir a sua missão no mundo. Este é o outro lado que a mídia insiste em ocultar.

Caminhamos diariamente com um excesso de informações. É bom lembrar que o excesso de informações ou a falta delas são igualmente nocivos. A despeito desse cenário, passamos por um momento histórico em que se percebe que as pessoas parecem estar como que entregues à total falta de

sentido. Daí a sensação de que os desafios se nos mostram maiores ainda. D. Pedro Casaldáliga afirmou certa vez: “Deus é amor, mas nós somos constituídos por mistura de amor, medo e esperança”. Parece que ultimamente o medo tem roubado a cena. No entanto, aqui está, a nosso ver, momento de oportunidades sem precedentes para a VRC com suas novas gerações, no anúncio da Palavra de Jesus, a Boa-Notícia. Partilhar as ações bem-sucedidas, intercambiar experiências positivas realizadas na missão e, com isso, continuar ajudando as pessoas a purificar o amor, a dilatar a esperança e a minar o medo que as paralisa.

Mas isso só pode acontecer se estivermos ao lado de Jesus, e as pessoas, de fato, perceberem isso. É possível que, nesse trajeto, percamos, aparentemente, nosso horizonte. Basta lembrar da experiência dos discípulos sozinhos no barco, longe da margem e com o vento contrário (Mt 14,22-33). No entanto, é a presença de Jesus que, outra vez, abre o nosso coração e nos faz ver as coisas com discernimento e calma.

E se falando em calma, já é claro para nós que ela é inimiga do mercado. Todavia, ultimamente ela vem sendo apontada como inimiga também da espiritualidade. É importante perceber, contudo, que a pressa tem dimensões patológicas e pode nos fazer muito dano. Ela nos impede de aprofundar e nutrir nossas raízes. Perdemos mais tempo cuidando das copas, do aparente. Se recordamos o encontro de Jacó com seu irmão Esaú, narrado em Gênesis 33, damo-nos conta de algo elementar: não podemos caminhar todos no mesmo ritmo. Seria suicídio coletivo. Mas não podemos parar no caminho. Revisitar as fontes de nossa espiritualidade, voltar ao essencial de nossas convicções e não aceitar comercializá-las, pode ajudar.

Nossa singularidade é o estar com Jesus, caminhando a seu lado e doando nossa vida com Ele. Onde a nossa força é insuficiente, atua o Espírito que nos governa. Aqui está o singular da VRC ser consciente de que somos, neste mundo, seguidoras(es) de Jesus e “buscadoras/es do sentido” das coisas e da vida. Por isso, nossa ação jamais deve

se “descolar” da pergunta e busca pelo sentido. Quanto às novas gerações, a tentação pode ser a de aceitar tudo ou a negar tudo diante de si. Daí a necessidade do cultivo da espiritualidade e do exercício do discernimento, para que os resultados e os números não estejam no centro das nossas reflexões nem conduzam as principais decisões que tomamos acerca da nossa presença e ação no mundo.

A VR C não pode se esquecer de que caminha com Jesus, nem abandonar a questão do sentido para o qual nasceu. Como falamos há pouco, isto é o que nos caracteriza no mundo. Mas só seremos esse sinal se crescermos em Espiritualidade. E isso supõe liberdade de Espírito e discernimento. Em outros termos: radicalidade e volta às raízes. O mesmo que fizeram os santos que conhecemos e que são para nós ícones de fé, intimidade e fidelidade a Jesus e à sua causa. Tornaram-se santos não somente por seus exercícios espirituais, por belas orações que deixaram ou mesmo porque cuidaram bem do espírito, mas porque passaram por essa vida cuidando dos corpos de suas irmãs e irmãos. Especialmente dos quais ninguém queria cuidar.

Por fim, as novas gerações da VR C, repletas de atributos positivos e incontestáveis, mas também em meio a desafios ingentes, podem continuar buscando, nas instituições, não o que são, mas o que poderiam e deveriam ser a partir das relações que estabelecem com o mundo, seara à qual estão sendo continuamente enviadas por Jesus. E é justamente em meio às alegrias e desafios do mundo que o Senhor volta a nos afirmar o que disse a Paulo: “a minha graça te basta; o meu poder se completa na fraqueza” (2 Cor 12,9).

As novas gerações têm a oportunidade de continuar mostrando que a VR C é, sem dúvida, *a loucura que Deus colocou para confundir o mundo*. E só deixará de sê-lo quando o mundo recuperar a *sanidade*. Ou nas palavras de Paulo à comunidade de Corinto: quando Deus for tudo em todos (1 Cor 15,28).

***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Que iniciativas institucionais e pastorais nos ajudam a ser sinais “vivos” de esperança e revelam a necessidade da nossa presença no mundo?
2. Como conjugar e atualizar os valores da tradição de nossas instituições com a autonomia das novas gerações na VRC?
3. Que elementos se apresentam como inegociáveis, quando discernimos sobre a Espiritualidade da VRC no desafio colocado pelo atual ambiente midiático?